

A INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA NO PORTUGUÊS FALADO PELOS JAPONESES NA REGIÃO DE CAMPINAS (SP)

por

ELZA TAEKO DOI

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Maria Bernadete Marques Abaurre Gnerre

Este exemplar é a redação final da tese defendida por ELZA TAEKO DOI e aprovada pela comissão julgadora em 20/12/1983
Maria Bernadete Marques Abaurre Gnerre
Presidente da Banca Examinadora
Campinas, 1983

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

ERRATA

- Pág. 32 - nota 5: tat:a → [tat:a]
nota 6: sjo: → [sjo:]
- Pág. 34 - linha 9: ts/_i → tʃ/_i
- Pág. 35 - item 3: [k/_i] pʃ → [k/_i] pʃ
- Pág. 38 - item 8: [vĩntsi] → [vĩntʃi]
[bĩntsi] → [bĩntʃi]
- Pág. 39 - linha 2: [ko:peratsiba] → [ko:peratʃiba]
- Pág. 41 - linha 18: dz/_i → dʒ/_i
- Pág. 45 - penúltima linha: exymplos → exemplos
- Pág. 46 - penúltima linha: [r] → [ʀ]
- Pág. 48 - linha 10: /e/ → /ɛ/
- Pág. 54 - linha 13: z → 3
linha 18: consideramos → considerados
- Pág. 55 - linha 34,35 : sistemas → segmentos
- Pág. 56 - linha 6: [z] → [ʒ]
- Pág. 57 - linha 1: ø → [ø]
- Pág. 61 - quadro II: [s] [s] → [ʃ] [s]
- Pág. 75 - linha 29: acentos → acentos
linha 20: [ʔittʃa ikenai] → [ʔittʃa ikenai]
linha 21: [bokũntʃi] → [bokũntʃi]
- Pág. 85 - linha 16: página 84
última linha: fuência → fluência
- Pág. 91 - linha 6: ele → eles
linha 24: nossos → novos
- Pág. 93 - linha 8: falantes nativos ao Português → falantes
nativos do Português.
- Pág. 46 - linha 22: maneira → maioria

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a:

Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre Gnerre pela orientação deste trabalho;

Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari pela orientação do aspecto fonético do trabalho;

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues pelas valiosas observações;

CAPES pela bolsa concedida durante o período de 1978-1979;

FAPESP pela bolsa concedida durante o período de 1980-1982 (Proc. 80/0931-9);

informantes que colaboraram com o corpus deste trabalho.

Para

Ioshiaki e

Telma.

ÍNDICE

Capítulo I : Introdução	pág.	1
Notas do Capítulo I	pág.	10
Capítulo II : Metodologia do Levantamento de Dados	pág.	11
Notas do Capítulo II	pág.	17
Capítulo III : Sistema Fonológico do Português e do Japonês	pág.	18
Notas do Capítulo III	pág.	32
Capítulo IV: Interferência no Nível Segmental.....	pág.	33
Notas do Capítulo IV	pág.	62
Capítulo V: Interferência no Nível Suprasegmental.	pág.	63
Notas do Capítulo V	pág.	81
Capítulo VI: Influência dos Fatores Extralingüís- ticos	pág.	82
Capítulo VII : Conclusão	pág.	91
Bibliografia	pág.	94
Apêndice I - Amostra de Dados	pág.	97
Apêndice II - Formação do Kana	pág.	105

A INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA NO PORTUGUÊS FALADO
PELOS JAPONESES NA REGIÃO DE CAMPINAS (SP)

RESUMO

Este trabalho visa a registrar as variáveis fonológicas, decorrentes da interferência do Japonês no Português falado pelos japoneses, observando a influência dos fatores extralingüísticos (idade quando da chegada ao Brasil, permanência no Brasil, profissão, residência urbana/rural) que, por hipótese, atuariam nessa interferência. Em termos segmentais, a interferência ocorre e persiste nos segmentos presentes apenas na língua secundária e nos segmentos que, embora presentes em ambos os sistemas, têm diferenças no ponto de articulação. Em termos supra-segmentais, o ritmo silábico da língua primária influi na realização do Português, na duração maior e mais uniforme das sílabas e na ausência de isocronia acentual. Com relação à influência dos fatores extralingüísticos, verificou-se que apenas a idade e a profissão atuam no Português dos japoneses que apresentam pequeno grau de interferência. A intensidade do contacto com a sociedade brasileira suscitaria neles uma atitude de maior valorização na pronúncia do Português.

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

O comportamento dos japoneses (1.^a geração) em situações de contacto no Brasil tem sido objeto de pesquisas sociológicas e antropológicas (cf. Saito, 1973, 1980, Suzuki, 1969) mas com relação ao aspecto lingüístico relacionado com o seu desempenho do Português pouca coisa se tem realizado até o momento.

Handa aborda o problema do comportamento lingüístico dos japoneses no Brasil em seu artigo "O destino da língua japonesa no Brasil" (1973), onde ele trata, em termos genéricos, os aspectos peculiares do Português e do Japonês falados pelos imigrantes japoneses.

Embora se trate de um trabalho de "caráter empírico e livre de pretensões científicas" como salienta o próprio autor, é, no entanto, um trabalho que consideramos pioneiro na área. O autor, dotado de um grande senso de observação, levanta os pontos principais da manifestação lingüística dos japoneses, baseando-se no conhecimento das diferenças do sistema fonológica do Português e do Japonês, como por exemplo a solução adotada pelos falantes para os encontros consonantais (pr, br, tr, etc). Também na obra Imin no Seikatsu no Rekishi (1970), Handa tece considerações de grande interesse sobre o comportamento lingüístico dos imigrantes japoneses na fase inicial da imigração.

Esses artigos têm como objetivo levantar o problema lingüístico dos japoneses no Brasil e, conforme salienta o próprio autor, são considerações gerais que aguardam uma comprovação científica.

Sezaki (1980) realizou uma pesquisa que teve como objetivo abordar o comportamento fonético dos falantes do dialeto de Tóquio, em Mogi das Cruzes. Seus dados foram extraídos de uma relação de itens lexicais do Português, e, através da comparação entre as realizações dos japoneses e dos brasileiros (mogianos), foram estabelecidas as diferenças fonéticas existentes entre as mesmas.

Esta pesquisa é de importância porque sistematiza as realizações do Português dos japoneses, fornecendo elementos para estabelecer comparação com os dados do Português coloquial dos japoneses. Através destes elementos, podemos também verificar a influência que os fatores tais como velocidade e descontração exercem no desempenho coloquial dos japoneses.

A nossa pesquisa se baseia no comportamento lingüístico dos japoneses que, em consequência da sua imigração no Brasil, tomaram contacto com o Português.

O processo imigratório dos japoneses se deu em consequência da necessidade de mão de obra cafeeira no Estado de São Paulo, no início do século. Os primeiros imigrantes chegaram ao Brasil em 1908 e até o início da 2.^a guerra imigraram cerca de 180 mil japoneses (Saito, 1973, pág. 467)¹.

Os japoneses se destinavam às fazendas de café para cumprir o contrato de trabalho firmado com essas fazendas. Após o término desse contrato, já desiludidos com a perspectiva de breve enriquecimento e retorno imediato ao Japão, os japoneses decidiam:

- a) ir para as grandes cidades e tentar atividades diversas às da lavoura; ou
- b) adquirir sua própria terra onde pudessem cultivar a sua lavoura.

Existem na História dos imigrantes japoneses no Brasil, três tipos de comunidades ou colônias (Handa, op. cit. pág. 224 e 225):

- a) o primeiro tipo de colônia, também denominado Colonização Planejada (Saito, 1973, pág. 468), foi aquela formada pelas Empresas de Colonização do Governo Japonês. Os membros desses núcleos previamente planejados vinham diretamente do Japão e, em sua maioria, como proprietários de terras. Pertencem a este tipo de colônia: Iguape, Aliança, Tietê, Bas -

tos, Sete Barras.

- b) O segundo tipo foi aquele formado pelos próprios imigrantes que se reuniam em torno de alguns líderes. Os integrantes deste tipo de colônia eram quase todos imigrantes que já tinham passado pela experiência de colono nas fazendas de café. A este tipo de colônia pertencem a colônia Hirano (situada em Cafelândia (SP), antiga Presidente Pena) e a colônia Uetsuka (também chamada de colônia Itacolomi, situada em Promissão-SP).
- c) o terceiro tipo de colônia surgiu do loteamento de terrenos realizado pelos donos dessas áreas. Estes terrenos eram vendidos aos imigrantes que, terminada a vigência do contrato com as fazendas de café, pretendiam desenvolver sua lavoura como pequenos sítiantes. Pertencem a este tipo de colônia, a colônia de Juquiã, a colônia de Birigui e algumas do norte do Paraná.

A colônia Tozan, onde realizamos a pesquisa seria uma variante deste terceiro tipo de colônia, onde os imigrantes, radicados há muito (mais de 40 anos) no Brasil, após várias passagens por outras localidades (ou mesmo, por outras colônias), por ocasião do loteamento da fazenda Tozan, passaram a se dedicar às atividades horti-fruti-granjeiras nas suas chácaras.

Nesse contexto, onde se reuniam japoneses de diferentes procedências (vindos de diferentes regiões do Japão e de diferentes localidades por onde passaram no Brasil), a língua japonesa passa a tomar uma feição diferente² da língua padrão do Japonês, em consequência do contacto entre vários dialetos do Japonês, e do contacto com o Português.

Como característica das colônias japonesas podemos levantar a organização da chamada "Associação Japonesa" e a presença de uma escola (Tsukamoto, 1973, pág.27)

onde se ministravam o curso primário e o curso de Japonês. Em algumas colônias ministravam-se os cursos de nível primário em Japonês, além daquele oficial em Português. Este fato vem refletir a atitude dos japoneses, cuja preocupação em retornar ao Japão, levava os imigrantes a se preocuparem com a educação japonesa. "A escola japonesa não é senão o lugar em que se adquire o espírito japonês pelo ensino da língua japonesa (Tsukamoto, op. cit., pág. 27).

A idéia de se estabelecer apenas temporariamente no Brasil parece ter sido decisiva para a atitude dos japoneses onde se reflete pouco interesse na aprendizagem do Português. Um outro fator que viria contribuir para este comportamento, se deve ao desejo de adquirir autonomia como pequenos proprietários, abandonando a condição de colonos das fazendas de café. Nesse sentido, a preocupação maior dos japoneses residia no trabalho, e "o aprendizado da língua adiado para as horas vagas" (Handa, 1973, pág. 489).

Handa (1970) diz que o comportamento comum entre os japoneses de meia idade, sem muito ânimo e interesse para aprender a língua, era de se evitar o relacionamento com os brasileiros para não se verem forçados a travar conversações em Português. Como as crianças tinham maior facilidade para aprender a língua, quando da necessidade de algum contacto com os brasileiros, faziam com que essas crianças servissem de intérpretes (pág. 128). Este comportamento, que parece ter sido comum na maioria dos japoneses, vem mostrar a falta de interesse na aprendizagem da língua reforçada pela idéia de breve retorno ao Japão.

Os núcleos formados pelos japoneses constituíam uma reprodução da comunidade rural japonesa. Conforme salienta Saito (1973, pág. 207): " com o aumento do número de colonos foi criada a Associação Japonesa e, a partir de então, os contactos com o "mundo de fora" passaram a ser conduzidos através dessa entidade". As Cooperativas Agrícolas surgiram como uma extensão dessas Associações Japonesas, decorrente da complexidade crescente nas relações com o "mundo de fora". A comercialização dos produtos agrí

colas era feita através dessas cooperativas, fazendo com que os japoneses não tivessem necessidade de manter um contacto direto com a sociedade brasileira.

Nesse contexto, praticamente isolados do contacto com os falantes nativos do Português, os japoneses estariam isentos de sofrer pressões em termos lingüísticos, o que favorecia ainda mais o seu comodismo em não aperfeiçoar (ou, até mesmo aprender) o Português.

Já com relação aos japoneses que chegaram ao Brasil mais jovens ou quando crianças, a situação parece, em termos gerais, modificar-se um pouco. Conforme vimos acima, os japoneses de meia idade que desistiram de aprender o Português esperavam que os filhos ou as pessoas jovens da família dominassem o Português para que estes os auxiliassem nos seus contactos com os brasileiros.

Estes jovens, embora confinados naquela estrutura comunitária dos japoneses, tinham, se comparados com os pais, um contacto maior com os falantes nativos do Português (como por exemplo com os empregados de suas propriedades) e, nesse contacto, estavam sujeitos a sofrerem pressões de ordem lingüística. Estas pressões, sob a forma de "deboches", viriam despertar nesses japoneses a consciência das diferenças existentes entre o seu Português e o de um falante nativo.

É regra geral que os imigrantes japoneses, em sua grande maioria, iniciaram a aprendizagem do Português em contacto direto com os falantes nativos do local em que se estabeleceram. Consideradas estas condições, as seguintes características poderiam ser observadas:

- a) o Português falado pelos japoneses teria uma forte influência do dialeto caipira do Português, com realizações características desse dialeto: trabayo (trabalho), alã (lã), alembro (lembro), fiquemo (ficamos), etc.
- b) com base na proposta de Weinreich (1970) sobre situações de contacto, o Português falado pelos japoneses teria um desempenho fono

lógico característico da língua japonesa.

As pesquisas referentes ao contacto de línguas tendem a individuar:

1. Os fatores sociais que condicionam o tipo de contacto
2. As manifestações lingüísticas resultantes.

Assim, as condições sob as quais os japoneses aprendiam o português, a direção que a língua japonesa toma no novo contexto social, e os fenômenos lingüísticos tais como empréstimos, interferência lingüística que decorrem dessa situação de contacto, seriam os objetos de estudo para pesquisas desta natureza. No caso em questão, pesquisas deste gênero só serão possíveis enquanto existirem falantes que possuam o comportamento lingüístico característico dos estágios relevantes das situações de contacto; donde a necessidade de se realizar o registro desse comportamento antes que se percam estes informantes.

Este trabalho tem como objetivo a identificação e o registro dos casos de interferência fonológica verificados no Português falado pelos japoneses, resultantes do contacto entre o Português e o Japonês. O levantamento dos casos de interferência no aspecto segmental e suprasegmental visa a investigar a maneira e as condições sob as quais a interferência se manifesta em termos reais.

Esta pesquisa visa também a observar a atuação dos fatores extralingüísticos (tais como a idade com que se tomou contacto com o Português, a permanência no Brasil), os quais, por hipótese, viriam influir na maior ou menor persistência das interferências.

Embora o trabalho tenha se baseado na proposta teórica de Weinreich, não foi nosso objetivo testar qualquer modelo teórico de abordagem do problema da interferência. Limitamo-nos apenas à documentação das variáveis lingüísticas verificadas no Português que sofre influência do Japonês.

O fenômeno de interferência é definido por

Weinreich (1970, pág. 1) como os casos de desvio das normas de cada língua que ocorrem na fala dos bilíngües, como resultado da sua familiaridade com mais de uma língua isto é, do contacto de línguas. Muitas das formas de interferência resultam, segundo Weinreich, da identificação que se estabelece entre os sistemas em contacto. Essa identificação consiste para o falante bilíngüe, em uma diminuição da dificuldade na realização das línguas. Entretanto, esta facilidade acarreta, por outro lado, uma manifestação lingüística desviante das normas de uma determinada língua, ou seja, um desempenho resultante da interferência do sistema de uma outra língua. Em termos fonológicos, a interferência lingüística ocorre quando o falante interpreta os sons da língua secundária por meio de processos fonológicos do sistema da sua língua primária. Essa identificação é classificada por Weinreich, em quatro tipos de interferências fonológicas:

- 1 - Sub-diferenciação dos sons, quando os traços distintivos dos sons não são considerados;
- 2 - Super-diferenciação dos sons, quando as diferenças alofônicas são tomadas como relevantes;
- 3 - reinterpretação das distinções;
- 4 - substituição dos sons.

Weinreich aborda o problema da interferência fonológica através do confronto entre os dois sistemas (língua primária e língua secundária) no plano segmental, sem considerar o aspecto suprasegmental da fala. Consideramos de importância o estudo do aspecto suprasegmental da fala porque o "colorido" diferente nas manifestações de um falante não-nativo parece decorrer da interferência das características suprasegmentais da língua primária.

A persistência desta interferência, no caso aqui estudado, poderia ser atribuída à dificuldade de realização conforme a característica do Português que em termos suprasegmentais, difere muito do Japonês.

Como suprasegmentais, consideramos todos os aspectos que não se relacionam com os segmentos fonológicos, tais como o ritmo, o acento, a intonação. Neste trabalho abordaremos apenas a interferência do aspecto rítmico na realização da língua secundária, por considerarmos este um aspecto que vem determinar as diferenças entre o Português e o Japonês em termos suprasegmentais.

Embora os estudos de interferência baseados nas manifestações não coloquiais, como é o caso do trabalho de Sezaki, tenham o seu valor na medida em que oferecem subsídios para verificar, em termos comparativos, as diferenças nas variantes que ocorrem na fala coloquial, o enfoque do nosso trabalho recai diretamente na investigação do problema na fala coloquial. Isto porque consideramos que os dados investigados em condições "normais" de ocorrência, isto é, no contexto coloquial, refletem os casos de interferência mais freqüentes e comuns que configurariam uma tendência real desse fenômeno.

A observação de outros fatores, tais como o estilo e a velocidade da fala, é de importância para um estudo mais significativo do problema da interferência porque esses fatores exerceriam influência também no aspecto segmental da fala.

Para a realização deste trabalho, gravamos a fala informal dos japoneses residentes no município de Campinas. Os informantes, em número de dez, são provenientes de Gunma (2), Shizuoka (1), Kochi (1), Nagano (1), Fukuoka (2), Hiroshima (1), Okayama (1), Miyagi (1)³.

Os dados extraídos destas gravações foram transcritos foneticamente, com marcações de tons e de duração das sílabas e dos segmentos considerados mais longos do que os correspondentes dos falantes nativos. Estas marcações de caráter impressionístico tiveram como objetivo uma determinação aproximada do ritmo da fala dos informantes.

A seguir, destacaremos os assuntos tratados nos capítulos que compõem este trabalho. No capítulo II,

apresentaremos a metodologia empregada para o levantamento de dados; no capítulo III focalizaremos os sistemas fonológicos do Português e do Japonês com os respectivos pontos característicos que servirão de base para a análise do problema em questão. No capítulo IV abordaremos a interferência no nível segmental verificada nos dados; no capítulo V, a interferência em nível suprasegmental e, no capítulo VI, observaremos os casos de interferência relacionados com os fatores extralinguísticos. Finalmente no capítulo VII apresentaremos a conclusão que se baseará na constatação de que nem todas as formas previsíveis de interferência se concretizam e que a interferência ocorre e persiste nos processos fonológicos presentes apenas na língua secundária e nos processos fonológicos que, embora constem de ambos os sistemas, têm uma realização diversa. Também verificamos que nem todos os fatores extralinguísticos influenciam no grau de ocorrência deste fenômeno.

NOTAS DO CAPÍTULO I

1. A partir de 1952 teve início um novo processo imigratório: os imigrantes pós guerra - "séngo imin".
2. A ilha de Hokkaido constitui, dentro do Japão, um lugar onde houve essa mistura de dialetos, em consequência da migração ocorrida no país.
3. Os números entre parênteses indicam o número de informantes.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA DO LEVANTAMENTO DE DADOS.

Os informantes que colaboraram no levantamento do corpus do nosso trabalho são japoneses 1.^a geração residentes no município de Campinas.

A escolha dos informantes foi feita ao acaso, solicitando-se a colaboração "de porta em porta", conforme procedemos na Colônia Tozan, ou através de apresentações por pessoas conhecidas, ou mesmo pelos próprios informantes.

A Colônia Tozan, localizada a 15 kms da cidade de Campinas em direção a Jaguariuna, constitui um núcleo onde residem cerca de 30 famílias de japoneses que se dedicam a atividades horti-fruti-granjeiras. Fizemos a gravação¹ com 7 informantes desta colônia mas conseguimos utilizar apenas os dados de 3 informantes. Como causas do fracasso com os dados dos demais informantes, levantamos aquelas de ordem técnica (isto é, defeitos nas instalações elétricas e no aparelho gravador) e outras decorrentes da nossa inexperiência para conduzir o trabalho. Estes informantes se caracterizaram por uma dificuldade muito grande na expressão do Português: e diante da nossa tentativa de auxiliá-los, eles passaram a empregar somente o Japonês.

Os informantes residentes na cidade de Campinas, se caracterizaram por uma diversidade de atividade profissional. Deparamos com um outro tipo de dificuldade, ou seja, a recusa em conceder entrevistas, alegando falta de tempo e o não domínio do Português.

Dadas estas dificuldades, não levamos em conta uma variável de importância para estudos referentes ao contacto entre as línguas: a procedência dos falantes, que determinaria um tipo de dialeto da língua primária a tomar contacto com um determinado dialeto da língua secundária. A não observância desta variável traria, por outro lado, algum aspecto positivo na abordagem da interferência na medida em que se forneceria uma visão geral do fenômeno com vistas a servir de apoio a pesquisas que se destinam a al-

cançar objetivos mais específicos, como a atuação de um dialeto de uma língua sobre o dialeto de uma outra língua.

Nesta relação de informantes foram levadas em conta as seguintes variáveis:

1. sexo
2. idade atual (1980)
3. idade quando da chegada ao Brasil
4. procedência
5. tempo de permanência no Brasil (ano base 1980)
6. local(is) por onde passou até se estabelecer em Campinas
7. residência atual (contraposição urbana/rural)
8. profissão.

Informante 1 - 1:- F; 2:-56 anos; 3:- 5 anos; 4: - Fukuoka;
5:- 51 anos; 6: - Palmital (SP), Marília(SP),
Apucarana (PR), Campinas; 7: - zona rural ;
8: - dona-de-casa.

Informante 2 - 1: - M; 2:-61 anos; 3:- 9 anos; 4:- Miyagi ;
5:- 52 anos; 6:- Franca (SP), Andradina (SP),
Catanduva (SP), Campinas; 7:- zona rural ;
8: - chacareiro.

Informante 3 - 1:- M; 2:- 63 anos; 3:- 10 anos; 4: - Gunma;
5:- 53 anos; 6: - Paulínia (SP) Campinas;
7: - zona urbana; 8:- fazendeiro.

Informante 4 - 1:- M; 2:- 65 anos; 3:- 15 anos; 4:- Hiroshi
ma; 5: - 50 anos; 6:- Ribeirão Preto (SP),
Apucarana (PR), Campinas; 7:- zona rural;
8: - chacareiro.

Informante 5 - 1:- M; 2:- 61 anos; 3:- 16 anos; 4:- Okayama;
5:- 45 anos; 6:- Cravinhos (SP), Campinas;
7: - zona urbana; 8:- jornalista de um jornal
da colônia.

Informante 6 - 1:- F; 2:- 64 anos; 3:- 17 anos; 4:- Fukuo-
ka; 5:- 47 anos; 6:- Promissão (SP), Marí -
lia (SP), Assaí (PR), Bandeirantes (PR),
Campinas; 7:- zona urbana; 8:- dona-de-casa.

Informante 7 - 1:- M; 2:- 73 anos; 3:- 17 anos; 4:- Kochi;
5:- 56 anos; 6:- Jaguariúna (SP), Campinas
(SP), Mogi das Cruzes (SP), Campinas; 7:-
zona urbana; 8: motorista de táxi (aposen-
tado)

Informante 8 - 1:- M; 2:- 79 anos; 3:- 19 anos; 4:- Naga-
no; 5:- 60 anos; 6:- Agudos (SP), Presiden-
te Prudente (SP), Duartina (SP), Fernão
Dias (SP), Campinas; 7:- zona urbana;
8:- ex-comerciante.

Informante 9 - 1:- M; 2:- 46 anos; 3:- 23 anos; 4:- Shizuoka;
5:- 23 anos; 6:- Santo Amaro (SP), Bragança
Paulista (SP), Elias Fausto (SP), Campinas;
7:- zona urbana; 8:- fazendeiro.

Informante 10- 1:- M; 2:- 73 anos; 3:- 26 anos; 4:- Ibara-
gi; 5:- 47 anos; 6:- Ribeirão Preto (SP),
São Paulo (SP), Campinas; 7:- zona urbana;
8:- professor de Japonês.

Segundo dados fornecidos pelos próprios infor-
mantes, excetuando o informante 9 que chegou ao Brasil em
1957, todos os demais se dirigiram a fazendas de café. O
primeiro contacto com o Português estabeleceu-se portanto,
com os falantes do dialeto da região, via oral, justifican-
do o Português com características do dialeto caipira em
termos fonológicos e lexicais.

Ex: alã (lã)
fiquemo (ficamos)
escoída (escolhida)
bafado (abafado)

alembro (lembro)

panhã (do verbo apanhar, catar)

A investigação se processou, considerando-se as seguintes variáveis:

1. contraposição urbana/rural: supõe-se que esta variável, relacionada com a frequência de uso, vá influir na maior ou menor interferência fonológica no Português. Um falante que reside numa área urbana, teria, em princípio, maior contacto com os falantes do Português, o que determinaria um desempenho diferente do falante que reside na zona rural.

2. idade: a idade que o falante tinha quando da vinda ao Brasil, interferiria na realização do Português. Sabe-se que quando o aprendizado de uma língua se processa em criança, a aprendizagem dos sons característicos da língua secundária é assimilada com maior facilidade.

3. tempo de permanência no Brasil: partindo do pressuposto de que, na fase inicial do contacto os sons são realizados em características fonológicas da língua primária (como no caso dos empréstimos), e de que com o passar do tempo esses sons se assemelham aos sons do sistema da língua secundária, o tempo de permanência dos falantes no Brasil poderia ter influência nas suas manifestações fonológicas.

4. profissão: o exercício de uma determinada profissão relacionada com a maior frequência de uso da língua secundária poderia exercer influência na realização desta língua no sentido de uma eliminação mais rápida de quase toda a interferência da língua primária.

O corpus para este trabalho foi coletado através das gravações da fala dos informantes em entrevista informal. As perguntas foram de caráter informativo tendo-se procurado obter dados relativos às variáveis

propostas, e um desempenho o mais informal possível.

A entrevista se baseou praticamente no desenvolvimento das seguintes perguntas:

1. Quando o Sr. chegou ao Brasil?
2. Com que idade?
3. Com quem?
4. De que província?
5. Para onde (cidade, fazenda) o Sr. foi logo que chegou ao Brasil?
6. Que tipo de trabalho o Sr. fazia? (Nesta pergunta, dependendo da descontração do falante, tentávamos dirigir a entrevista para as impressões pessoais do trabalho, da vinda ao Brasil, os sofrimentos pelos quais passou, enfim as lembranças da época, tendo como intuito obter, através do envolvimento com o assunto, uma manifestação natural em termos de comportamento lingüístico).
7. Na sua família os costumes japoneses são ainda preservados?
8. Como o Sr. aprendeu o Português?
9. Seus filhos falam Japonês? Qual a língua que o Sr. emprega para se comunicar com os filhos?

Conforme podemos notar, estas perguntas são de caráter limitativo, não oferecendo condições para um desenvolvimento de idéias pessoais, mas objetivamente um contacto ameno com os informantes para não levantar neles atitudes de desconfiança com relação à entrevista.

O tempo de gravação da entrevista girou em torno de 15 a 30 minutos. Desta gravação, os 10 a 15 minutos iniciais foram transcritos foneticamente empregando-se o sistema de transcrição do I.P.A. Sobre o texto trans

crito foram feitas as marcações de sílabas, durações (moras) e tons. Esta marcação das sílabas e das moras teve como objetivo traçar o ritmo empregado pelo falante, partindo do pressuposto de que o ritmo atua como um dos fatores determinantes das diferenças que se verificam no Português dos falantes nativos e no Português dos japoneses.

A marcação de duração das sílabas foi feita com base apenas na nossa percepção auditiva empregando-se três tipos de sinais ∪ breve, ∩ média, — longa.

(tom)	alto	—	—	—	—	—	—	—
	baixo	—	—	—	—	—	—	—

(duração) ∪ — ∩ ∩ ∩ ∩ ∪ ∩ ∩ ∩ ∪ ∪ ∩ ∪
 ai kwãdo fiko dzaseti ano * ai meo pai
 (aí quando ficou dezessete anos, aí meu pai

(tom)	—	—	—	—	—	—
-------	---	---	---	---	---	---

(duração) ∪ — ∩ ∩ ∪ ∪ ∪
 şamo * eo ßev aki ne . (7)²

chamou, eu veio aqui ne.

Paralelamente a esta marcação nas sílabas, fizemos uma outra marcação também durativa nos segmentos que compõem uma sílaba. Para este tipo de marcação empregamos o sinal (+) sob o segmento que percebemos possuir uma duração maior quando comparado aos outros segmentos da mesma sílaba e à sílaba correspondente realizada por um falante nativo.

Ex: esta [esta]_{p3} Português do falante nativo

[esta]₁₊_{pj} Português do falante Japonês

NOTAS DO CAPÍTULO II

1. Para a gravação das entrevistas utilizamos os aparelhos gravadores: modelo portátil TC-1020 da Sony e modelo portátil RQ 2211 M da National.
2. O número entre parênteses indica o informante.
3. O símbolo p disposto ao lado dos símbolos fonéticos e fonológicos indica o Português dos falantes nativos.
4. o símbolo pj indica o Português dos japoneses.

CAPÍTULO III - SISTEMA FONOLÓGICO DO PORTUGUÊS E DO JAPONÊS.

Apresentaremos a seguir, os sistemas fonológicos do Português e do Japonês com as principais variantes fonéticas da cada língua, tendo como objetivo o levantamento de pontos significativos que poderiam influir na interferência fonológica em questão.

PORTUGUÊS

1. Sistema Fonológico.

O sistema fonológico do Português se baseou nos dados de Câmara (1971, 1977) e Hensey (1972). Sobre estes dados incluímos as modificações que julgamos necessárias para dar conta das peculiaridades do dialeto falado nesta região de Campinas, como é o caso da retroflexa [ɻ] e do /t/ e /d/ aspirados¹ em ambientes característicos.

Consoantes

	bilabial	labio-dental	dental al-veolar	alveolo/palatal	velar
oclusiva	p, b		t d [t ^h /-i] [d ^h /-i] ²		k, g
fricativa		f, v	s, z	ʃ, ʒ	
nasal	m	n		ɲ	
lateral			l [ɭ, ɭ ^h /-#]	ʎ [j]	
vibrante			r [ɻ /-#] V-C		r [h]

semicons.		j	w
-----------	--	---	---

Vogais

	anterior	central	posterior
alta	i, [ɪ]		u, [ʊ]
media	fechada e, [ɛ]		o, [ɔ]
aberta	ɛ		ɔ
baixa		a, [a, ɐ]	

2. Estrutura silábica

O Português possui as seguintes estruturas silábicas em termos fonológicos:

V	-	e
CV	-	sô
VC	-	as
CVC	-	mar-ca
CCV	-	prê
CCVC	-	cris-to
CVCC	-	pers-picaz
VCC	-	abs-tenção
CVV	-	pai
CVVV	-	Para-guai.

3. Ritmo

O ritmo é um aspecto da fonologia suprasegmental que se caracteriza por uma repetição de um fenômeno (sílabas tônicas, duração silábica) dentro de um espaço de tempo. (Cagliari, 1981a).

Podemos observar dois tipos de línguas quanto ao ritmo: línguas de ritmo silábico e línguas de ritmo acentual. As línguas de ritmo silábico se caracterizam pela repetição de sílabas de duração mais ou menos igual, como é o caso do Francês, do Japonês, etc. As línguas de ritmo acentual se caracterizam pela repetição de sílabas tônicas em intervalos de tempo iguais como por ex. o Português, o Inglês. A duração individual das sílabas neste tipo de línguas varia conforme a ocorrência das sílabas tônicas no enunciado. Em contraposição, nas línguas de ritmo silábico, o intervalo de tempo entre as sílabas tônicas varia de acordo com o número de sílabas que se verificam entre as sílabas tônicas.

As sílabas tônicas do Português, que se caracteriza pelo ritmo acentual³, ocorrem em intervalos de tempos aproximadamente iguais, denominados pé.

Ex. / Êla ẽs/tũdã ẽngẽnhã/rĩa na ˘ Unĩ/cãmp.
pẽ

A unidade pé está delimitada entre barras e os sinais —, ˘, ˘, indicam respectivamente a duração longa, média e breve. Esta marcação feita por meio da percepção auditiva foi empregada nos nossos dados.

O acento do Português se caracteriza pela atuação dos fatores: intensidade, duração e altura melódica, e tem a propriedade de dar uma unidade a um item lexical, através da presença de uma sílaba tônica e uma (ou várias) sílaba(s) átona(s).

JAPONÊS

1. Sistema Fonológico.

Como sistema fonológico do Japonês tomaremos o sistema de dialeto considerado padrão, por que é um sistema comum à maioria dos dialetos do Japonês, com exceção de alguns dialetos da região Nordeste, de Tosa e de Kyushu (Hattori, 1976, pag. 751). O levantamento deste sistema se baseou nos dados de Tsukishima (1959), Hattori (1976) e Jouo (1977).

Consoantes

	bilabial	dental/ alveolar	alveolo/ palatal	velar	glotal
oclusiva	p, b	t, d [tʃ/-i] [dʒ/-i] [ts/-u] [dz/-u]		k, g	
fricativa		s, z [ʃ/-i] [dʒ/-i]			h [χ/-u] [ç/-i]
nasal	m	n [ɲ/-i] [ɲ/-#]			
vibrante		r			
semicons.	w		j		

Vogais

	anterior	central	posterior
alta	i	[u] u	u
média	e		o
baixa		a	

Estes segmentos organizam-se em unidades comumente denominadas moras que são unidades constituídas de V e CV (C G V⁴). Estas moras correspondem às sílabas fonológicas do Japonês, além de constituírem unidades de duração do ritmo.

QUADRO DAS MORAS

	a	i	u	e	o			
k	ka	ki	ku	ke	ko	kja	kju	kjo
s	sa	ʃi	su	se	so	ʃa	ʃu	ʃo
t	ta	tʃi	tsu	te	to	tʃa	tʃu	tʃo
n	na	ɲi	nu	ne	no	ɲa	ɲu	ɲo
h	ha	çi	ɸu	he	ho	hja	hju	hjo
m	ma	mi	mu	me	mo	mja	mju	mjo
j	ja		ju		jo			
r	ra	ri	ru	re	ro			
w	wa				wo			
b	ba	bi	bu	be	bo	bja	bju	bjo
d	da	dʒi	dzu	de	do	dja	dju	djo
z	za	dʒi	zu	ze	zo	dja	dju	djo
g	ga	gi	gu	ge	go	gja	gju	gjo
p	pa	pi	pu	pe	po	pja	pju	pjo

Além destas moras, existem mais três tipos de moras consideradas específicas, a saber:

- as moras nasais: N
- a mora que constitui as consoantes geminadas. Por convenção indicamos esta mora como C'⁵ e a consoante geminada como C'C.

Ex. i-p-pi-ki "um (animal)"

V-C'-CV-CV.

- a mora que representa a segunda vogal⁶ (dentro da nossa convenção) numa sequência VV, interpretada como uma sílaba longa. Fonologicamente ela é representada pela mesma vogal da mora anterior (ex: [iko:] /ikoo/).
- (vamos)

As moras nasais e geminadas foram introduzidas no Japonês, por influência dos empréstimos do Chinês (mais ou menos no século I). Estas moras constituíam, no Chinês, partes das sílabas formadas por CVC ou CVN. Mesmo em Japonês, estas unidades C e N eram realizadas conforme (ou próximas a) os sons do Chinês até a invenção da escrita Kana.

Kana é uma escrita fônica desenvolvida no Japão mais ou menos no século 9, tendo como base o Kanji (ideograma Chinês, introduzido no Japão aproximadamente no século I (Tsukishima, 1972, pág. 316)). Esta escrita Kana registra fonicamente as moras do Japonês.

Supõe-se que o termo Kana (também denominado Kan-na) tenha se originado de Karina "a escrita simplificada", em contraposição ao Kanji que era considerado "a escrita formal". (Komatsu, S., 1970, pág. 64).

Existem dois tipos de Kana:

- a) Hiragana que surgiu da escrita cursiva do Kanji:

	Hiragana		Kanji
Ex.: su	す	< 寸 >	寸
a	あ	< お >	安

b) Katakana que constitui uma escrita baseada em uma parte do Kanji:

	Katakana		Kanji
Ex: i -	イ	<	伊
no-	ノ	<	乃

A escrita hiragana foi desenvolvida principalmente pelas mulheres da nobreza da era Heian (ano 794-1185) e a escrita Katakana pelos homens e bonzos budistas. A escrita Katakana tinha fins práticos e era empregada como um símbolo para a transcrição dos textos chineses em Japonês.

Com relação às moras das consoantes geminadas, elas eram originariamente ocupadas pelas consoantes finais p, t, k, das sílabas travadas do Chinês. Para formar um item lexical em conjunto com uma outra sílaba iniciada por uma oclusiva surda, ocorria no Japonês a geminação das consoantes: CVC + CV → CVCCV. Estas consoantes geminadas resultam da assimilação do ponto de articulação da consoante da sílaba travada ao ponto de articulação da consoante inicial (oclusiva surda) da sílaba seguinte, e são realizadas como uma consoante longa. Após a invenção do Kana, o Japonês segmentou a consoante longa em duas unidades, passando a atribuir um status de uma unidade à primeira consoante da sequência geminada CC, por meio de っ (Hiragana) ou っ (Katakana) escrito em tamanho menor.

Ex: chinês /nit/ + /ki/ → nitki → Nikki/ (diário)
(dia) (registro)

に っ き
< ni-k-ki >

chinês /zap/ + /ki/ → zapki → zakki/ (apontamentos)
(variado) (registro)

ざ っ き
< za-k-ki >

Com o emprego dos Kana, todos os elementos dos itens lexicais do Chinês passaram a ser registrados segundo a constituição V ou CV, até mesmo aqueles segmentos estranhos ao Japonês (nasais, sílabas travadas) que constituíam partes de uma sílaba nos empréstimos do Chinês. Em consequência, cada unidade representada por um Kana passa a ter uma duração mais ou menos igual, favorecendo o ritmo silábico do Japonês.

Ex: Empréstimos do Chinês realizados pelos japoneses.

(antes da escrita Kana)	(com a escrita Kana)
/san/ "montanha"	/sa-n/
/mok/ "árvore"	/mo-ku/

A mora representada graficamente pelo Kana constitui a menor unidade fonológica perceptível aos falantes do Japonês, através da qual o falante chega ao grau máximo de explicitação em termos fonológicos.

2. Estruturas silábicas do Japonês.

Existem em Japonês dois tipos de propostas na determinação da estrutura silábica:

- a) aquela que propõe a sílaba fonológica e a mora como unidades rítmicas da língua.
- b) aquela que considera apenas a mora como unidade rítmica do Japonês.

a) Entre os lingüistas que adotam a sílaba fonológica e a mora como unidades rítmicas do enunciado, podemos citar Hattori (1976), Mc Cawley (1968).

Para estes lingüistas as unidades rítmicas são constituídas de:

V - e	(desenho)
CV- sa (CGV)	(diferença), mja-ku (pressão arte <u>ri</u> al)
CVN - san	(três)
CVC - ik-ko	(seis unidades)
CVV - hoo-hoo	(método)

Hattori teria sido o precursor no emprego do termo mora na lingüística japonesa. A adoção da mora como uma unidade fonológica menor do que a sílaba fonológica em Japonês, parece se basear na proposta de Trubetzkoy (Kindaichi, 1967, pág. 62) que classifica as línguas segundo a possibilidade ou não de subdividir as sílabas fonológicas em unidades métricas menores, as moras.

A proposta de Hattori se baseia no aspecto acental do Japonês onde as unidades como por ex: /ko:/, /hon/ respectivamente CVV e CVN são freqüentemente realizadas sem uma variação tonal, dependendo do contexto em que elas são empregadas.

Mc Cawley também adota um procedimento semelhante ao de Hattori ao propor a sílaba fonológica em Japonês, embora ele considere esta língua como "mora-counting language". A sua argumentação em favor das sílabas fonológicas baseia-se nas regras de acentuação do Japonês (pág. 134). Tanto Hattori como Mc Cawley consideram a sílaba fonológica como uma unidade prosódica de um enunciado mas vêem a mora como a menor unidade do enunciado em Japonês. Embora a divisão silábica destes lingüistas se baseie nas manifestações reais do Japonês, a sua classificação parece ser consequência da análise de um determinado aspecto que não corresponde à consciência que a maioria dos falantes têm ao dividir um enunciado.

A proposta destes lingüistas teria a seguinte esquematização:

ko:en (jardim público)
 [ko: - ĕŋ] - sílaba fonética
 /koo - ĕn/ - sílaba fonológica
 /ko-o-e-n/ - mora
 こ う え ん - escrita
 (ko) (u) (e) (n)

b) Lingüistas como Arisaka (1969), Kindaichi (1967) e Kamei seguem a proposta segundo a qual a unidade rítmica do enunciado é constituída pelas moras⁷, unidades que têm correspondência com a escrita do Kana.

As unidades rítmicas propostas por estes lingüistas têm as seguintes estruturas:

V - i (estômago)
 CV -ka (pernilongo) kja-ku (visita)
 N - sa-N (três)
 C' - i-k-ko (uma unidade)
 V C' C V
 V' - o-ô-ki-i (grande)
 VV' CV -V

A palavra ko:en (jardim público) seria representada como segue:

[ko:en] - sílaba fonética
 /ko-o-e-n/ - mora
 こ う え ん - escrita
 (ko) (u) (e) (n)

Para estes lingüistas, a sílaba fonológica proposta por Hattori e Mc Cawley seria irrelevante porque esta unidade mora vem representar a consciência que o falante tem com referência à menor unidade constitutiva de um enunciado (ou de um item lexical). Esta unidade se relaciona com a escrita do Kana, para a maioria dos japoneses.

Embora a nossa fundamentação se baseie apenas em impressões, achamos que os falantes de Japonês não escolarizados (ou que não têm um domínio considerável da escrita do Kana), fariam a segmentação dos enunciados com base na sílaba fonológica, isto é, considerando as moras específicas como partes de uma sílaba. Isto porque, embora não tenhamos em mãos dados concretos a respeito, temos lembranças de ter verificado na escrita de um japonês com pouca escolarização, a ausência de Kana que indica as moras específicas, principalmente as geminadas (っ) e as longas (a mora vogal que se repete). O não registro destas moras poderia ser um indicativo de que as unidades do enunciado seriam divididas sem consciência de que este tipo de mora constitua uma unidade em Japonês. Estas moras específicas seriam realizadas como pertencentes às moras anteriores, mas não seriam registradas na escrita.

kat'-ta	-	divisão em sílaba fonolôgi
(comprei)		ca
ka-t'-ta -	-	divisão em moras
か っ た	-	escrita

A escrita do falante com pouca escolarização seria < kata >.

かた

Isto mostraria que somente as pessoas que têm um domínio da escrita conseguem chegar à segmentação em moras, e para estes falantes, as sílabas fonológicas se tornam irrelevantes. Em Japonês, a escrita parece ocupar um lugar de destaque na língua, na medida em que ela assume um papel determinante no ritmo do Japonês e na consciência dos falantes. Poderíamos dizer que este seria um caso em que a escrita vem determinar uma mudança na percepção da fonologia da língua.

Résumé

A unidade mora constitui também a unidade do ritmo do Japonês, que se caracteriza pelo ritmo silábico. Verificamos que em línguas do tipo silábico, a variabilidade no espaço de tempo entre as sílabas tônicas decorre da isocronia silábica. Como a ênfase é dada à duração mais ou menos igual das sílabas, a unidade intervalo (espaço de tempo entre as sílabas tônicas nas línguas de ritmo silábico) se torna variável.

Ex: /ka^hpe^hwa ko/; ga^hku^hbu no ga^hku^hse/: da/

(Ele é aluno de Engenharia)

As barras delimitam a unidade intervalo.

Com relação ao acento, este elemento se manifesta no Japonês por meio de altura melódica (tom) sobre as unidades mora. Cada unidade comporta apenas um tom: alto ou baixo.

Ex: — — —
 - altura melódica

m e g a n e - duração
(ôculos)

Os acentos do Japonês, chamados de pitch-accent, possuem a característica de serem distintivos; e a altura dos tons (alto ou baixo) que especifica as moras é determi
nada em termos relativos.

$$\frac{1}{2} \quad \frac{1}{3} \quad \frac{1}{4} \quad \frac{1}{5} \quad \frac{1}{6}$$

Considerando que a interferência ocorre onde os dois sistemas lingüísticos mais diferem, poderíamos, através do confronto destes sistemas, prever os casos de interferência previsível.. Estes casos seriam realizados pelos

falantes segundo a percepção dos sons e conforme os processos fonológicos de sua língua primária (Weinreich, pág. 14).

Em termos segmentais, e nas estruturas de sílabas, os falantes de Japonês se baseariam na unidade mora e as manifestações no Português seriam carregadas de características desta unidade. Em termos supra-segmentais, esta unidade exerceria influência na realização das unidades rítmicas com duração mais ou menos igual, segundo a característica do Japonês.

NOTAS DO CAPÍTULO III

1. Conforme Cagliari, 1981b, pág. 97.
2. /t/ /d/ - Registra-se também, atualmente na região, falantes de geração mais nova que empregam as africadas para a realização deste segmento diante de /i/, talvez por influência da televisão, ou do contacto com outros registros e dialetos.
3. Embora o Português seja classificado como uma língua de ritmo acentual, existem no Português do Brasil, algumas variedades que tendem ao ritmo silábico, como é o caso do dialeto gaúcho (Cagliari, 1981a).
4. CGV - unidade constituída pela consoante (C), semi-vogal (G-glide) e vogal (V).
5. Entre os lingüistas japoneses, é freqüente o emprego de Q para indicar estas moras. Ex: /tatta/ tat:a
"levantou" — /taQta/
6. Entre os lingüistas japoneses, esta mora é freqüentemente indicada por R. Ex: /sjoo/ "prêmio" — /sjoR/
sjo:
7. Existe uma variação na terminologia dos lingüistas para designar esta unidade como haku, sílaba fonológica mora, mas todas estas denominações se referem à unidade que denominamos mora.

CAPÍTULO IV - INTERFERÊNCIA NO NÍVEL SEGMENTAL

Embora os casos de interferência no nível segmental possam ser levantados através do confronto entre os dois sistemas em questão, verificamos que, em termos reais, nem todas as formas previsíveis se concretizam. Poderíamos com isto, levantar a hipótese de que estes casos de interferência baseados na previsão ocorreriam na fase inicial do contacto com a nova língua, quando o falante produz os segmentos da língua secundária baseados nos processos fonológicos da sua língua. No caso do Português falado pelos japoneses, considerando que a mora é a menor unidade fonológica de que estes falantes têm consciência, os segmentos do Português seriam interpretados com base nesta unidade constituída principalmente de (C)V, e não em unidades segmentais.

O nosso objetivo neste capítulo é examinar:

1. os segmentos do Japonês que interferem freqüentemente no Português, falado pelos japoneses, e os segmentos que não sofrem interferências;
2. as condições sob as quais se verificam ou não estes casos de interferência.

Dados.

As manifestações de nível segmental verificadas nos dados foram:

1. /p/ [p]_p — {p}_{pj}
pai [pai] (3)
Campinas [kãmpinas] (7)

2. /t/ [t]_p — [t]_{pj}

[t ^h /-i] _p	[t ^h /-i] _{pj}	estuda	[estuda]	(3)
		tanta	[tãnta]	(1)
		tinha	[tɕĩna]	(5)
		repartimos	[repartɕimo]	(3)

O segmento /t/ possui o seguinte condicionamento ambiental em Japonês:

t — ts/-u
 ts/-i
 t/-n.d.a.

Com base neste condicionamento espera-se-ia no Português dos japoneses a realização de [ts] diante de /u/, mas não verificamos a sua ocorrência nos dados analisados. Mesmo nos dados de Sezaki (1980), coletados através da leitura de itens lexicais, suscetíveis, portanto, a uma realização mais cuidadosa e formal, mais próxima aos processos fonológicos da língua primária², não encontramos casos de ocorrência desta africada [ts] diante de /u/. Segundo a nossa observação, este segmento ocorre nos empréstimos realizados pelos japoneses como por exemplo em:

caduca [kadzuka]³

tupi [tsupi]

e no Português de alguns japoneses já idosos. Não sabemos precisar o que leva à preservação deste segmento no Português dos japoneses, mas a idade adulta com que eles tomaram contacto com o Português e o emprego limitado desta língua secundária parecem determinar essa preservação. Dentre os informantes com os quais trabalhamos, não existem falantes que chegaram ao Brasil com a idade superior a 30 anos e todos foram capazes de se comunicar usando o Português.

A não ocorrência da africada [ts] poderia ser

considerada como decorrente da percepção da diferença com o [t] do Português no mesmo ambiente. A sua realização se faria com maior cuidado, estendendo a articulação de /t/ ao ambiente seguido de /u/.

O segmento [t^h] diante de /i/ é realizado pelos falantes de Japonês por meio da africada alveolar palatalizada surda, conforme o sistema da sua língua.

tinha [tsĩna] (5)

batizou [batʃizo:] (7)

3. /k/ [k]_p — [k]_{pj}

[k/-i]_{pj} casa [kaza] (1)

escola [esko:ra] (5)

aqui [a₄ki] (4)

4. /b/ [b]_p — [b]_{pj} Brasil [brazile] (2)
acabou [akabo:] (7)

5. /d/ [d]_p — [d]_{pj}
[d^h/-i]_p — [dz⁴/-i] dava [daβa] (2)
fazenda [φazēnda] (4)
dia [džia] (1)
diferente [dziφerēntsil] (5)

No ambiente seguido /i/ este segmento é realizado como [d̥z] pelos japoneses segundo o sistema fonológico do Português e do Japonês.

P - [da - de - d^{fi}i - do - du]

J - [d̥a - d̥e - d̥z̥i - d̥o - d̥zu]

6. /g/ [g] _p — [g] _{pj}

chequeil segeil (4)

gado [gaðo] (3)

7. /f/ [f] _p — [h]
[ɸ]
[ç] pɸ
[f]

100

Dr.

1. _____
 2. _____
 3. _____

14

Os japoneses realizam o fonema /f/ do Português por meio do som [ɸ] , alofone de /h/ no ambiente seguido de /u/ em Japonês, conforme condicionamento abaixo:

$$h \rightarrow \phi/\psi$$
$$c/-i$$

h/n.d.a

Dado este condicionamento ambiental, esperar-se-ia uma realização através da sequência [ϕ u] para interpretar o som [f] como se verificaram em alguns casos:

Ex: sofreu [sofureu] (3)

[furi: o] (1)

mas, o que verificamos na maioria dos casos foi o emprego do segmento[ɸ]diante de /a, e, i, o/ — [ɸa, ɸe, ɸi, ɸo], ao lado de alguns empregos de [f] realizados pelos informantes 1, 2, 3, 5.

Ex: fazenda [fazẽnda] (1) [f̥azẽnda] (1)

$$\text{caf}\bar{e} \quad [\text{ka}\phi_{\frac{1}{2}}\epsilon] \quad (4) \quad [\text{kaf}\epsilon] \quad (2)$$

difícil [dʒiɸ isiɔ] (5)

foi [foi] (7) [foi] (2)

força [forsa] (5)

família [fãmĩrja] (3) [famirja] (3)

Embora o emprego de[ϕ]tenha sido constante em todos os informantes, verificamos também casos de emprego dos sons [h] e[ç] para /f/:

Ex: Fernão [hernãŋ] (8)

firma [çirma] (8)

fiado [çiado] (8)

fornecimento [horneçimẽnto] (8)

fechado [heçado] (8)

Não podemos precisar se estas ocorrências se dão em todos os ambientes, porque verificamos apenas estes casos no inf. 8 (79 anos, com 60 anos no Brasil). Podemos, no entanto, considerar estes exemplos como representativos da interferência na fase inicial de contacto com a língua secundária, quando os segmentos desta língua eram realizados segundo os processos fonológicos da língua primária.

Estes dados viriam indicar que no primeiro momento, vale ao falante o critério de distribuição do seu sistema primário, isto é, o falante emprega os sons [h, ϕ , ç] conforme o condicionamento ambiental da sua língua primária. O exemplo [biho:] (before), que Nagara (1972, pág. 70) apresenta como um caso do Inglês de falantes do Japonês "japanese type speakers"⁵, vem mostrar que este emprego não se limita aos falantes de Japonês do Brasil. Mesmo no registro de empréstimos tomados ao Português na escrita Kana, verificamos ainda casos em que a seqüência constituída pelo segmento /f/ mais a vogal é transcrito pelo Kana < hV > . Notamos que somente os registros mais cuidadosos se preocupam em aproximar ao som de [f], transcrevendo-o como < ϕ u > .

Ex: força < ɸuor sa >
 café < kaɸue >

Este tipo de registro indicaria uma atitude de reprodução gráfica o mais apropriado possível para transcrever os sons do Português. É interessante notar que os japoneses escrevem as vogais que corresponderiam às moras vocálicas (nos exemplos acima, as vogais /o/ e /e/) em tamanho menor, na tentativa de não considerar estas vogais como uma unidade independente de [ɸu].

Da seqüência [ɸu + V] para [ɸV], a passagem seria fácil com a queda de /u/, como tem ocorrido no próprio Japonês, onde alguns segmentos /ka/ e /ga/ passaram de [kwa] e [gwa], dada a natureza de /u/ equivalente a um glide dentro desta unidade. Com isto poderíamos dizer que o emprego de [ɸ] para /ɛ/, que caracteriza o Português de todos os informantes analisados, constitui uma fase de interferência em que o emprego dos sons do sistema primário não se dá de forma direta, havendo uma extensão no emprego de [ɸ] aos demais ambientes. Este emprego seria baseado na semelhança que o falante percebe entre os sons [f] e [ɸ] no traço fricativo. A preservação dos segmentos [ç] e [h] seria decorrente da influência de outros fatores extra-lingüísticos tais como a idade da chegada ao Brasil, a freqüência de uso da língua, e a atitude com relação ao Português.

8. /v/ [v]_p — [b]
 [β]
 [v]
 [v] pj vinte [vĩntsi] (7)
 [bĩntsi] (8)
 vontade [võntad] (2)
 chamada [ɕamava]
 (1)

cooperativa

[ko:peratsiba] (9)

vida [βi:da] (7)

Segundo a nossa previsão da interferência, o segmento /v/ seria realizado pelos japoneses exclusivamente pelo som [b]. Entretanto, o que verificamos é um emprego constante de [β], havendo o emprego de [b] nos informantes 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 que têm em comum a ida de adulta quando da vinda ao Brasil. O emprego de v, por seu lado, está presente nos informantes 1, 2, 3 e 5. Com relação aos três primeiros podemos considerar a sua realização como decorrente da aprendizagem que se processou quando criança. Quanto ao informante 5 o emprego de /v/ poderia ser decorrente da atitude que reflete a valorização desta pronúncia.

Consideramos o uso generalizado de [β] no Português dos japoneses relacionado com o emprego de [ɸ] para as fricativas surdas que, como vimos, passa a ocupar uma posição dentro do sistema dos falantes de Japonês quando empregam o Português. Estes falantes recorreriam ao [β] para produzir o correspondente sonoro de /f/.

Também neste caso, podemos ver no emprego de [b] uma caracterização da fase inicial da aprendizagem da língua, quando o falante não faz diferenciação entre /b/ e /v/ do Português.

Verificamos também casos que consideramos de transição entre [β] e [v], onde notamos uma constrição da bilabial β (que representamos por [v]) nos informantes 2, 3, 5, 7. Vemos nesta realização uma avaliação da pronúncia feita pelo falante com a preocupação de aproximá-la ao som da labiodental [v].

Ex: lavoura [ɾavora] (7)

velho [vɛ:ɾjo] (3)

navio [naviə] (5)

9. /s/ [s]_p — [s]_{pj}
 [ʃ,ʃ/-i]_{pj}

cinco [fĩnk ə] (7)

precisa [pre ʃi:za] (4)

sozinha [soʒ ʃɪna] (5)

segundo [segũnd ə] (10)

saiu [saɪu] (8)

O segmento [s][ʃ] presente no Português dos japoneses caracteriza o som do ambiente seguido de /i/, conforme o condicionamento ambiental em Japonês

s — ʃ/-i
 s/n.d.a.

Entretanto, a presença de /s/ diante de [i] nos informantes 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, poderia indicar o domínio deste segmento alveolar pelos falantes, através da extensão articulatória ao novo ambiente.

em cima [ẽnsi:ma] (3)

sítio [sitʃo] (1)

cincoenta [sĩnkoẽnta] (9)

10. /ʃ/ [ʃ]_p — [ʃ.]_{pj}
 [ʃ.]_{pj} chateado [ʃatʃia:do] (8)
 chegou [ʃego:] (3)
 enxada [ẽnʃa:da] (1)

Este segmento [ʃ] se realiza em Japonês diante de /a, e, o/ como acontece nos demais segmentos palatizados do Japonês.

ʃa, ʃo, ʃu.

rja, rjo, rju.

na, no, nu

dʒa, dʒo, dʒu.

O som [ʃ] diante de /i/ constitui um alofone ambiental do segmento /s/, conforme acima (item 9).

Embora o Japonês não possua segmentos palatalizados antes da vogal /e/ a realização de [ʃe] nos dados vem indicar que o segmento /ʃ/ no ambiente em referência é uma seqüência facilmente apreensível por extensão da articulação ao contexto seguido de /e/.

Ex: chegou [sego:] (5,7)

[ʃego:] (1)

O segmento [ʃ] foi verificado apenas no desempenho da informante 1.

11. /z/ [z] _p — [z] _{pj}

⁷
[z] _{pj}

sozinho [sozʃno] (5)

[dz] _{pj}

dizia [dʒidʒia] (8)

fazenda [ʃazēnda] (3)

batizou [batʃizo:] (7)

O fonema /z/ tem, em Japonês, o seguinte condicionamento: z — dz/-i
d/n.d.a

e, em início de palavras, emprega-se o som [dz]. (Tsukishima, 1959, pág. 19).

Ex: [dzakuro] (romã)

[dzānnēn] (que pena!)

[dzo:ri] (chinelo de palha)

Esta distribuição contextual viria, em princípio, interferir no Português falado pelos japoneses, conforme verificamos nos dados de Sezaki.

Ex: Ziko [dzi?k:o]
 Zorro [dzɔ:ro]
 zebra [dzebũ ra]

Entretanto, nos nossos dados, não encontramos exemplos desta natureza. Enquanto os dados da Sezaki se basearam na fala formal, sendo portanto suscetíveis de apresentarem os casos que seguem o condicionamento fonético da língua primária, os nossos dados, extraídos da fala mais informal e rápida, não registraram estes condicionamentos.

Com relação ao /z/ diante de /i/, houve uma incidência considerável de fricativa alveolar palatalizada sonora [ʒ] no lugar de [dʒ]. Este último foi realizado apenas pelos informantes 5, 6, 8, 9, 10, os quais possuem como ponto em comum, a idade adulta quando da chegada ao Brasil. Por outro lado, verificamos algumas ocorrências que se aproximam ao som [z] nos informantes 3, 5, 7. Estes informantes fazem um emprego constante da língua, levados pela sua profissão. O informante 7, não realiza [dʒi] para /zi/ por ser este um falante do dialeto de Tosa⁸ que faz diferenciação entre [dʒi] do segmento /d/ e [zi] do segmento /z/.

Estes dados nos mostram que ao perceberem as diferenças entre [dʒ] e [ʒ] diante de /i/, os falantes tentam aproximar estes segmentos aos sons do Português, realizando-os por meio de [ʒ].

12. /3/ [3] p — [3]
[dz]
[z] pj
[dz] (8)

12. /3/ [3] _p	[3]		
	[dz]	jeito [dzeitɔ]	(8)
	[ʒ] _{pj}	jacaré [zakarɛ]	(7)
	[dʒ]	beringela [berindʒɛ:ra]	
	[dz]		(4)
	(8)		
		judiava [dʒudziaβa]	
			(1)
		japonês [dʒapones]	
			(5)

Como o Japonês não possui este segmento /3/ no seu sistema fonológico, os falantes desta língua empregam a consoante palatalizada [dʒ], interpretando-a como o segmento que mais se assemelha ao [3]. Para o ambiente seguido de /i/, os japoneses recorrem ao emprego de [dz], alofone de /z/ e /d/.

Embora o som predominante realizado pelos japoneses para o fonema /3/ tenha sido [dz], verificamos também incidência de [ʒ] e [3]. Estes segmentos poderiam indicar a aquisição dos segmentos mais próximos a [3] pelos falantes, à medida que percebem a diferença entre [dʒ] e [z], mas consideramos esta ocorrência como consequência dos processos fonológicos que se manifestam dentro do Japonês. Como ocorre com o /z/ em início de palavras, este caso também teria um condicionamento da velocidade da fala, havendo um "enfraquecimento" da articulação do traço linguodental num estilo de fala mais rápido no Japonês. O emprego de [dz] se justifica, portanto, nos itens lexicais para os quais se quer dar ênfase, e na fala mais formal do Português falado pelos japoneses.

Em Japonês os segmentos /d/ e /z/ têm uma realização única diante de i, embora possuam uma escrita distinta.

/d/	da, dʒi (ぢ / ぢ), dzu, de, do
/z/	za, dʒi (ぢ / ぢ), zu, ze, zo.

Apenas no Português do informante 7 que é falante do dialeto de Tosa não verificamos o segmento [dʒ] para interpretar o som [ʒ].

13. /l/	[l, ɔ]	p	—	[r]	
				[l]	
				[ɔ /- #]	mil [mi:r] (8)
					[mi ɔ] (1)
					alguma [aɾguma] (5)
					Brasil [bɾazi ɔ] (3)
					[bɾazi r] (2)
					normal [noɾma ɔ] (4)
					tal [ta:r] (7)
					linha [rĩna] (5)

A lateral /l/, realizada pelos falantes nativos através de [l] e [ɔ] conforme o seu contexto, tem uma realização quase generalizada por [r] pelos japoneses. Os informantes que vieram ao Brasil quando crianças, apresentam em alguns momentos a realização de [l] como em:

lembra	[lẽmbra] (1) (2)
Paulínia	[Paulĩn a] (3)

Este emprego generalizado de [r] para as laterais se deve ao fato de o tap ser o único segmento do sistema do Japonês que possui a característica da líquida.

Com relação às sílabas travadas pelas laterais predomina a realização de [r] pelos falantes de Japonês.

Embora o fonema /l/ seja realizado por [r] pelos japoneses, a ocorrência de [r] nas sílabas travadas por /l/ pode oferecer duas interpretações:

1. este som teria como base a escrita, quando os japoneses interpretam a lateral pelo tap, único segmento lí

guido existente no sistema do Japonês.

2. este som seria produto da aprendizagem via oral em contacto com os falantes nativos do dialeto caipira paulista.

Ex: algum [argũ] (4)
 mil [mir] (5)
 tal [ta:r] (7)

Poderíamos dizer que a grande incidência de [r] no ambiente em finais de sílabas nos nomes próprios (principalmente nomes de cidades, fazendas, estação) seriam decorrentes da escrita.

Brasil [buradzirɔ] (8) [brazif] (2)
 Izabel [idzabɛrɔ] (8)
 Rafael [raɸas:f] (7)
 Palmital [pamita:f] (1)

Com relação à incidência de [ɔ] podemos considerá-la como decorrente exclusivamente da aquisição via oral porque verificamos casos como - fácil - em que ele é realizado como : [ɸa si ɔ] (1)

[ɸasi:] (3)

[ɸasi] (8)

não havendo registro de : [ɸasi r] .

Outros exymplos: difícil [ɸisi ɔ] (8) (2)

eucaliptal [kalipaɔ] (2)

14. /r / [r] p — [ɾ] pj
 [h] p [h] pj (1,2,6)

terra [tɛ :ha] (2)
 [t ɛ :ra] (2,3,9)
 rua [hua] (1)
 guerra [gɛha] (1)
 [gɛ :ra] (3,9)
 Ramos [ramo] (7)
 morreu [mɔreɔ] (10)
 [moheɔ] (6)
 arroz [ahov s] (2,3,6)
 [arɔvs] (3,4,7)

A consoante vibrante foi realizada pelos informantes por meio de tap /ɾ/, e por uma fricativa velar /h/ pelos informantes 1, 2 e 6. Concordamos com Sezaki que o emprego de [ɾ] para este segmento /r/ tenha em parte uma justificativa ortográfica, dado o fato de que /r/ possui um valor fonético determinado em [ɾ] para os japoneses, mas não consideramos que este fator seja decisivo para este tipo de ocorrência. Se a aprendizagem da língua tivesse se processado através apenas da linguagem escrita, a justificativa acima teria seu fundamento, mas sabemos que a maneira dos japoneses aprendeu o Português via linguagem oral. Nesse sentido, eles estariam sujeitos à exposição de [ɾ] e [h] para a realização de /r/.

A predominância de [ɾ] para interpretar /r/ poderia ser resultado do contacto que os japoneses teriam tido com os falantes nativos que empregavam [ɾ] com maior frequência.

15. /ʎ/ [ʎ] p	—	[rj]	
		[lj]	(1,2,3,6,7)
		[j]	(1,2,3,5,6,7,8,9,10)
		melhorou	[merjoɾ:] (5)
			[mejoro:] (1)
		filho	[fi:rjo] (2)
		melhor	[mɛljor] (1)
		palhada	[paljada] (2)
			[paɾjada] (2)
		olhando	[oljãdo] (7)
			[oijãdo] (7)

Este segmento /ʎ/ se caracteriza no Português de japoneses pelo emprego de tap palatalizado [rj].

A grande incidência de [j] para interpretar o som [ʎ] poderia ser consequência da realização não cuidadosa de [rj] pelos japoneses, mas, considerando que em Japonês não há casos de simplificação envolvendo estes segmentos /rj/ e /j/ que constituem fonemas distintos, este fato não viria justificar o caso.

O emprego de [j] e [ʎ] no ambiente da líquida palatal parece ser consequência da aprendizagem do dialeto caipira do Português com o qual os japoneses tiveram contacto. Outros fatores como a escolarização e a influência da escrita parecem não ter influído neste tipo de desempenho porque a única informante que teve um início de escolarização no Brasil (inf. 1), também produz [j] para o /ʎ/. É interessante notar que o informante 4, que apresenta características da interferência do Japonês em grau maior, é aquele que não realiza o som [j], embora ele próprio afirme que aprendeu o Português com os "caipiras". Considerando a região por onde este informante passou (Região de Ribeirão Preto), verificamos que outros informantes que também passaram por essa região apresentam realizações de [j], donde não podemos extrair considerações significati

vas através desta variável.

16. /r/ [r] _p	—	[r] _{pj}	Paraná [para nã] (6)
			fevereiro [fɛvɛrɛiɾu] (4)

Verificamos alguns casos, nos nossos dados, em que o informante emprega a lateral no lugar do tap, como em:

morou	[molo:]	(6)
bravo	[blaço]	(1)

Este fato vem mostrar uma exagerada preocupação dos falantes com o segmento /e/ que poderia ser decorrente da caracterização popular que os falantes nativos fazem com relação ao aspecto lingüístico do Japonês. A consciência que os falantes têm da diferença entre /l/ e /r/ no Português faz com que aqueles que conseguem realizar a lateral, generalizem o uso de [l], no ambiente de [r].

17. /m/ — [m] _p	—	[m] _{pj}	
			mamando [mamãndu] (1)
			maleita [maɾeta] (10)
			formiga [hormiga] (8)

18. /n/ [n] _p			
[n/-i] _p	—	[n] _{pj}	
		[n/-i] _{pj}	
		[n/-i] _{pj}	conta [kõnta] (5)
			menino [menĩn u] (1)
			vinte [vĩnti] (3)
			carne [kaɾnɐ] (6)

O segmento /n/ é realizado por [n] em finais de sílabas e [n] no ambiente seguido de /i/. Estas ocorrências

sofrem influências das moras do Japonês: no caso de [ŋ] por influência da mora nasal /N/ em contexto semelhante: e no caso de [n] pelo condicionamento de /n/ no ambiente seguido de /i/.

n — n /-i
n/n.d.a
n/- #

19. /ɲ/ [ɲ] p — [ɲ] pj

sozinha [soʒĩɲa] (1)

tinha [tɕĩɲa] (10)

cravinhos [kɾaβĩɲos] (5)

engenheiro

[ẽndʒĩɲe:ɾ o] (4)

20. /i/ [i, ɨ] p — [i, ɨ, ɯ] pj mogiana [moʒiana] (5)

caipira [kɐĩpɨɾa] (4)

mil [mɨɾ] (8)

21. /e/ [e, ɛ] p — [e, ɛ, ɐ] pj

existe [ɛʒɨstɛ] (3)

costume [kɨstumɐ] (3)

gente [ʒẽntɐ] (8)

22. /ɛ/ [ɛ] p — [ɛ, e] pj

terra [tɛɾa] (2)

café [kafɛ] (7)

pertinho [pɛɾtɕĩɲo] (5)

23. /a/ [a, ɐ] p — [a, ɐ] pj

caipira [kɐĩpɨɾa] (4)

estrada [ɨstɾaɖa] (3)

casado [kazado] (5)

ano [ɐno] (3)

Predomina no Português dos japoneses, a vogal [a].

24. /o / [o] _p — [o, o] _{pj}

sozinha [soʒĩna] (5)

sozinha [soʒina] (1)

nova [noʒa] (1)

agora [agɔra] (3)

25. /o / [o, ɔ] _p — [o, ɔ, ɔ] _{pj}

nome [nomɔ] (1)

segundo [segũdo] (10)

dinheiro [dʒine:ro] (3)

lavoura [labɔra] (8)

acostumou [akɔstumo:] (5)

26. /u / [u, ɔ] _p — [u, ɔ, u] _{pj}

tudo [tuɔu] (5)

meu [meɔ] (7)

derruba [dehuɔba] (6)

nova [novɔ] (2)

Da observação destes dados podemos levantar o seguinte quadro comparativo entre as manifestações segmentais verificadas no Português dos nossos informantes e as interferências previsíveis baseadas no confronto dos dois sistemas fonológicos em questão: Português e Japonês.

Seg. do Port.	Seg. do Japonês	Realização Previsível	Português dos japoneses
p	p	p	p
t [t ^h]/_i	t [tɕ]/_i [ts]/_u	t [tɕ]/_i [ts]/_u	t [tɕ]/_i
k	k [k]/_i	k [k]/_i	k [k]/_i
b	b	b	b
d [d ^h]/_i	d [dʒ]/_i [dz]/_u	d [dʒ]/_i [dz]/_u	d [dʒ]/_i [dz]/_u
g	g	g	g
f	h [ç]/_i [ɸ]/_u	h [ç]/_i [ɸ]/_u	ɸ, f [h,ç]inf.8
v		b	b, β, v, ʋ
s	s [ɕ]/_i	s [ɕ]/_i	s [s]/_i [ɕ]/_i [ʃ]/_i

Seg.do Port.	Seg. do Japonês	Realização Previsível	Português dos japoneses
ʃ	ʃ/_a,o,u [s]	ʃ/_a,o,u [s]	ʃ/_a,e,o,u [s]
z	z [dz]/_i [dz]/_# _	z [dz]/_i [dz]/_# #_	z [dz]/_i [z]/_i
ʒ	[dz]/_a,o,u	[dz]/_a,o,u	[dz]/_a,e,o,u [z]/_a,e,o,u
l [ol]/_#		r	r,l [ol]/_# [r]/_#
r [h]		r	r [h]
ʎ [j]	rj	rj	rj,lj,j
r	r	r	r
m	m	m	m
n	n [ɲ]/_i [ɲ]/_	n [ɲ]/_i [ɲ]/_	n [ɲ]/_i [ɲ]/_
ɲ	ɲ/_a,o,u	ɲ/_a,o,u	ɲ/_a,e,o,u.
i [v]	i	i	i [v]
e [v]	e	e	e, e [v]

Seg. do Port.	Seg. do Japonês	Realização Previsível	Português dos japoneses
ε		e	ε, e
a	a	a	a, a
[ə]			[ə]
o		o	o, o
o [o]	o	o	o, o [o]
u [u]	u [u]	u [u]	u [u, o]

Destes dados podemos extrair as seguintes consi-
derações:

1. os casos previsíveis, que se baseiam na pro-
dução da língua por meio do emprego de processos fonolôgi-
cos da língua primária, nem sempre se concretizam, como o-
corre com os segmentos /ts/, /dz/, /ʃ /.

2. os segmentos constantes em ambos os sistemas,
que poderiam ser considerados "livres" de interferência não
escapam da atuação deste fenômeno da interferência como é
o caso de /ʃ / [ʃ] p -- /ʃ / j [ʃ] pj.

3. a interferência ocorre naqueles segmentos pre-
sentes apenas na língua secundária, como f, v, l, r, ʌ , z.

Não-ocorrência de interferência segmental

A interferência não ocorre nos segmentos presen-
tes em ambas as línguas tais como: /p, t, k, b, d, g, m, n,
s, z/ no ambiente seguido de /a, e, o, u/

Verificamos também a não ocorrência de interfe-
rência nos segmentos [ts] e [dz] , consideramos sons ca-
racterizadores da interferência do Japonês (Hooper, 1976).
Este fato poderia ser atribuído à consciência que os falan-
tes do Japonês têm com relação às diferenças existentes en-
tre o [tu] e [du] do Português e o [tsu] e [dzu] do Japo-
nês. Esta consciência levá-los-ia ao emprego do fonema /t/
no ambiente em questão, através da extensão da articulação
de [t] diante de /u/.

Não temos registros deste sons nos dados dos
nossos informantes, mas poderíamos considerar que estes seg-
mentos estiveram presentes no Português dos japoneses em
sua fase inicial de contacto com a língua, pelo menos na-
queles falantes que tomaram contacto com o Português em
idade já adulta. Esta constatação se baseia, por um lado ,
na existência de falantes do Japonês, normalmente idosos ,
que tendem a realizar estes segmentos no Português; e, por
outro lado, na realização do segmento /f/ do Português. Os

falantes se valeriam, no primeiro momento, da distribuição alofônica de sua língua primária para interpretar os sons da língua secundária. A presença de [h, ç, ø] nos dados do informante 8, nos dá margem para fazer interpretações desta natureza. Se no caso de /f/ os japoneses passaram do emprego baseado na distribuição do sistema de sua língua primária para a generalização do emprego de [ø] aos demais ambientes a, e, o, i, passando pela fase em que os sons eram realizados por meio da sequência [øu], no caso de [ts] e [dz] a sua substituição por [t] e [d] não deve ter oferecido dificuldades uma vez que estes sons estão presentes nos ambientes /a, e, o/ em Japonês: [ta, tsi, tsu, te, to]. Fato semelhante ocorre com /s/ no ambiente seguido de /i/, embora ainda haja casos de emprego de [si] (informantes 4, 6, 7) baseados na distribuição alofônica do sistema do Japonês [sa, si, su, se, so]. Também nos segmentos palatalizados [ʃ, ɲ, ɾj, dʒ], verificamos que os falantes conseguem estender a articulação destes segmentos no ambiente /e/.

Poderíamos dizer que estes casos de não ocorrência da interferência considerada previsível seriam consequência da percepção das diferenças alofônicas, através do contacto com o Português. Como as distinções alofônicas da língua primária são de difícil percepção aos falantes dessa língua, eles iriam tomar consciência dessas diferenças somente através do contacto com uma outra língua.

Ocorrência de interferência segmental.

Dentre os segmentos que sofrem interferência, podemos levantar aqueles presentes em ambos os sistemas, sob o mesmo condicionamento, e aqueles que constam apenas da língua secundária.

Entre os primeiros, estão os segmentos que fonologicamente ocupam a mesma posição dentro de ambos os sistemas, mas que diferem foneticamente entre si. São os sistemas /k, t, d, s, n, z/ no ambiente seguido de /i/, e o

segmento /ʃ/ em todos os ambientes.

Este fato poderia ser indicativo de que a vogal /i/ em Japonês, possui uma articulação mais anterior do que a correspondente em Português. Os segmentos palatalizados também parecem ter um ponto de articulação mais anterior do que em Português, porque os segmentos [ʃ] e [z] do Português são normalmente realizados como uma fricativa alveolar palatalizada [ʃ̟, z̟] pelos japoneses. (Ver Postura articulatória, pag.58). Os falantes realizam os sons segundo a postura articulatória da sua língua primária, a que estão acostumados.

Este caso de interferência persiste por mais tempo na língua porque os falantes não têm consciência das diferenças fonéticas existentes entre os segmentos de ambas as línguas, uma vez que fonologicamente não oferecem distinções e apresentam condicionamentos iguais em ambos os sistemas.

Com relação aos segmentos que se verificam apenas no Português, eles são realizados através dos sons do Japonês, interpretados pelos falantes desta língua por meio de sons que mais se aproximam aos sons do Português. Pertencem a este grupo os segmentos /f, v, ʒ, l, r, ʎ / que constituiriam para os japoneses segmentos de difícil realização porque o seu emprego implica uma aquisição de novos segmentos.

Embora estes segmentos tenham como característica a sua ausência no Japonês, verificamos que o processo pelo qual estes segmentos se manifestam difere em alguns pontos. Com relação aos segmentos /r, l, ʎ / a interpretação destes sons pelos japoneses se baseia nos processos fonológicos de sua língua. Há um emprego subdiferenciado (cf. Weinreich) de [r] para os sons [r, l, e r] do Português, e o [ʎ] é realizado pelo tap palatalizado [ɾj] .

O segmento /f/ é interpretado pelos japoneses com base na adaptação do som [ɸ] (alofone de /h/, em Japonês) que possui os traços fricativos e labial como pontos em comum com a fricativa labiodental. Uma vez domi

nada a articulação de ϕ para todos os ambientes, a sua sonorização tornar-se-ia fácil, chegando-se com isso a um som próximo da labiodental sonora [v] , por meio da bilabial [β] .

A presença de sons na língua primária que possuem traços semelhantes aos segmentos do Português, leva o falante ao emprego destes sons (reinterpretação dos sons, cf. Weinreich) e a estendê-los aos ambientes de que ele necessita, como acontece no caso de /f/, [φ] e /v/, [β] . Após esta "adaptação" dos sons da língua primária, os falantes podem chegar ao emprego de sons mais próximos ao segmento em questão, como a realização de [v] .

O som [v] que interpretamos como decorrente da preocupação do falante em aproximar este som à articulação de /v/, seria conseqüência das dificuldades por que o japonês teria passado na comunicação com os falantes nativos. Essas dificuldades resultariam das realizações do tipo vo-vô/bobo; vento/Bento, etc. que por sua vez gerariam outros transtornos aos falantes de Japonês. Dados estes problemas eles passariam a se preocupar com a pronúncia deste segmento /v/ recorrendo ao [v] .

O segmento /ʒ/ é interpretado pelos japoneses por [dz]. Entretanto, verificamos uma incidência muito grande de [ʒ] que poderia ser determinada pelo estilo da fala informal quando o /ʒ/ diante de /i/ [dzi] seria realizado sem a áfricação.

A conscientização das diferenças existentes em ambas as línguas poderia contribuir para a diminuição das interferências no Português dos japoneses. Essa conscientização poderia ser obtida por meio de uma orientação sistemática de produção dos sons. Nesse sentido, seria de importância a elaboração de uma metodologia específica para o ensino de Português para os falantes de Japonês que levasse em conta os problemas decorrentes das diferenças entre os sistemas em questão.

Por outro lado, os japoneses poderiam chegar à consciên

tização das diferenças através da pressão do meio social. Os japoneses que têm um contacto maior com a sociedade brasileira estariam expostos à discriminação, por parte dos falantes nativos, baseada na realização do Português. Este comportamento dos falantes nativos levaria os japoneses a terem uma atitude de maior preocupação com a pronúncia do seu Português.

Postura Articulatória.

Um fato que chamou a nossa atenção durante a transcrição dos dados foi a presença constante de alguns segmentos com articulação mais anterior do que a realizada pelos falantes nativos do Português. Ex: [$\frac{1}{4}$, $\frac{1}{4}$, $\frac{3}{4}$]. Como se tratou de um fato presente na fala de todos os informantes, consideramos estas ocorrências como decorrentes da interferência do Japonês, mais propriamente da influência da postura articulatória do Japonês.

A presença destes segmentos caracterizados por uma articulação mais anterior poderia levantar as seguintes questões:

- se a anteriorização ocorre somente nestes segmentos, qual a razão desta característica;
- se, por outro lado, esta característica se estende aos demais segmentos, qual seria, então, a razão de se perceber este fato apenas nestes segmentos.

Para Honikman (1964), a postura articulatória consiste no arranjo e manobra dos órgãos na fala para a realização do enunciado natural. Como a postura articulatória difere de língua para língua, a observação deste fator viria facilitar a apreensão fonética dos segmentos de uma determinada língua, uma vez que se poderia dar indicações sobre o "caráter fonético e timbre específico de uma língua". (pág. 73).

O nosso propósito é apenas de registrar a existência do problema que deverá ser levado em conta no es-

tudo da interferência.

Um estudo preciso para este tipo de problema exigiria um exame baseado na radiografia da cavidade bucal no ato da realização de cada segmento. Embora o experimento espectrográfico não fosse adequado para testagem desta natureza, tentamos uma análise com os dados de três informantes (um informante Japonês, um informante campineiro e um nissei), passando-os no espectrôgrafo.

Os dados foram extraídos da leitura de 10 frases curtas em Português. Para o primeiro exame analisamos apenas duas frases (Ela chegou sozinha; Nasci no interior de São Paulo), através das quais pudemos constatar:

a) as vogais / i, e, ε, a / do informante japonês: são mais anteriores do que as do falante nativo. (a vogal /u/ não constou nos dados observados, e quanto à vogal /i/ do informante nativo não pudemos medir a frequência 2).

b) as consoantes / j / e /s/ são mais anteriores no informante japonês.

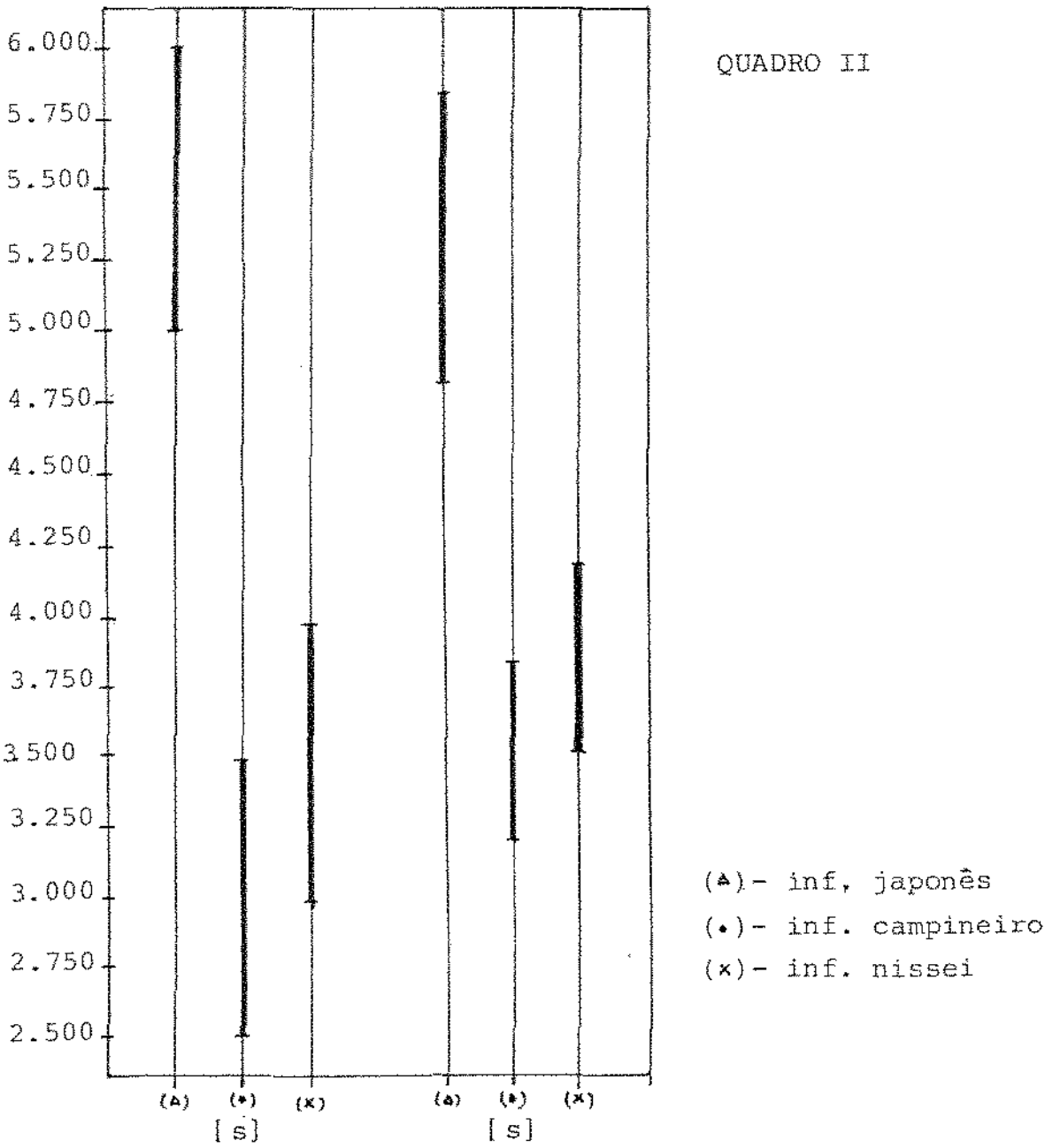
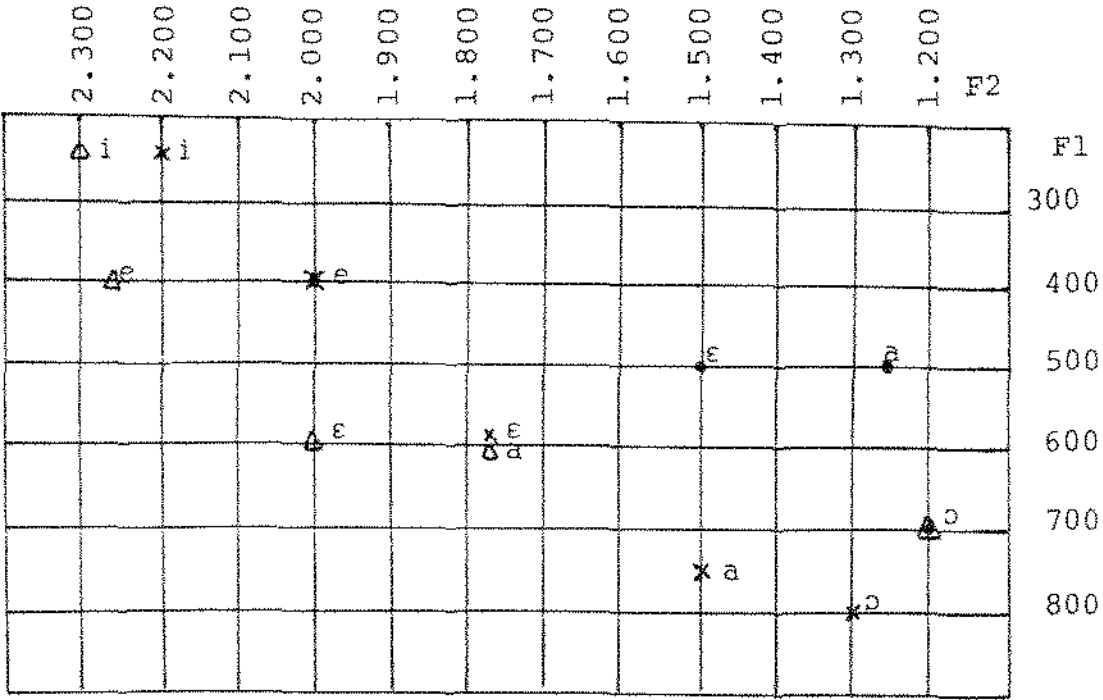
c) as vogais anteriores do informante nissei são menos anteriores do que as do informante Japonês e mais anteriores do que as do informante nativo.

(quadro 1)

(quadro 2)

Foi uma testagem rápida em que a análise não se estendeu a todos os segmentos, mas deu-nos pistas e indicações mais concretas sobre o problema. Embora os dados tenham sido quantitativamente insuficientes, observamos que a postura articulatória do Japonês, pelo menos para alguns segmentos, é mais anterior do que a do falante nativo, segundo a comprovação de que as vogais anteriores e médias, e algumas consoantes (j, s) têm uma articulação mais anterior.

Estas constatações nos deram indicações para que mais um aspecto seja considerado no estudo da interferência do Japonês em termos suprasegmentais: o da postura articulatória. A investigação deste aspecto será de importância para a Linguística Aplicada ao Ensino de Português para os falantes de Japonês, e do Japonês para os falantes de Português, na medida em que dá subsídios para um ensino que leva em consideração as dificuldades de difícil percepção para os falantes/ouvintes de ambas as línguas. Este problema exigiria uma investigação mais elaborada com um número maior de informantes e de dados para se obter uma comprovação mais fundamentada com vistas a tentar responder às indagações propostas acima.



NOTAS DO CAPÍTULO IV

1. t_ɕ - através da africada alveolar palatalizada surda que remos indicar t_ɕ , isto é, uma africada palato-alveolar surda com ponto de articulação mais anterior.
2. conforme Kindaichi (1967) e Hattori (1976) os falantes tendem a empregar, no desempenho formal, os processos fonológicos da sua língua que julgam mais "corretos".
3. estes exemplos foram extraídos da fala de um japonês durante uma entrevista na televisão.
4. d_ɕ - através da africada alveolar palatalizada sonora queremos indicar d_ɕ.
5. em contraposição a "English type speakers" que constituem aqueles que possuem um melhor domínio do Inglês.
6. ɕ - através da fricativa alveolar palatalizada surda queremos indicar ɕ.
7. ɕ - através da fricativa alveolar palatalizada sonora queremos indicar ɕ.
8. Tosa - região localizada ao sul da ilha Shikoku.

CAPÍTULO V - INTERFERÊNCIA NO NÍVEL SUPRASEGMENTAL.

Como suprasegmentais, consideramos todos os traços que não pertencem ao sistema segmental, tais como o ritmo (acento, duração, tom) e a intonação, e que se espalham sobre unidades maiores que o segmento. Para o nosso estudo destacaremos a influência do ritmo, em especial do fator duração, por considerarmos este um aspecto significativo para a compreensão da interferência do Japonês no Português.

O que se esperaria no Português dos japoneses com referência ao ritmo seria um desempenho com características do ritmo silábico do Japonês, mais especificamente da mora, que constitui a unidade rítmica desta língua. Para o estudo que se relaciona com o ritmo, teríamos que levar em conta a sua atuação nas unidades, e a influência determinada por estas unidades, porque o ritmo é um elemento que só tem expressão dentro de uma unidade frasal. Uma constatação isolada das unidades não oferece, em termos rítmicos, um significado global, havendo necessidade de se observar o comportamento dessas unidades dentro de uma unidade maior, uma vez que o ritmo se caracteriza por "um tipo de simetria, uma harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares" (Cagliari, 1981a, pág. 2).

O nosso objetivo neste capítulo consiste em levantar elementos que caracterizem em, termos rítmicos, o Português dos japoneses.

Os dados que podem ser considerados como decorrentes da influência do ritmo do Japonês no seu aspecto durativo se resumem na duração das sílabas e na duração dos segmentos. Estes dados foram extraídos tendo como ponto de referência o Português dos falantes nativos.

1. As sílabas são, em sua maioria, realizadas pelos japoneses, sem modificações na qualidade vocálica. Em consequência, a duração das sílabas¹ e dos segmentos vocálicos se torna, em termos relativos, mais longa do que a dos falantes nativos do Português.

Ex: passado	[pásado] (3)
amanhã	[amãã] (7)
fazenda	[fazenda] (1)
quanto	[kwânto] (2)
tempo	[têmpo] (5)

2. Há uma grande ocorrência de sílabas com durações iguais.

Ex: aquela	[akera] (6)
barato	[barato] (4)
contrato	[kônttrato] (7)

3. As sílabas com encontros consonantais (CCV) e as sílabas travadas (CVC) têm uma duração relativa maior do que aquelas realizadas por um falante nativo do Português.

Ex. patrão	[patrôn] (7)
lembra	[rêmbra] (1)
serviço	[serviço] (2)

Verificamos que neste tipo de estrutura os segmentos consonantais (a primeira C das consoantes geminadas, e a C final das sílabas travadas) possuem, com frequência, uma duração maior:

CVC _(p)	→	CVC ₊ (j)	largado	[rafgadô]
			Campinas	[kâmpinas ₊] (3)
CCV _(p)	→	CCV ₊ (j)	patrão	[patrô] (9)
			lembra	[lêmbra] (1)

A duração maior destes segmentos reflete a influência da unidade mora na realização da estrutura silábica do Português estranha ao sistema do Japonês. Estas sílabas, que constituem estruturas não representáveis pe -

las unidades moras do Japonês, são realizadas pelos japoneses através da inserção da vogal após as consoantes, a fim de adequá-las a estrutura CV das moras.

$$CVC_{ab} \rightarrow CV_a - CV_b$$

$$CCV_{ab} \rightarrow CV_a - CV_b$$

A epêntese da vogal na seqüência consonantal e na consóante que trava a sílaba é um exemplo representativo da interferência do Japonês na realização das línguas que possuem estruturas diversas de CV. (Hooper, 1976).

Ex: inglês - dress [doresu]

inglês - classic [kuraʃíku]

alemão - Adrenalin [adorenafín]

alemão - chlor [kuro:ru]

francês - grand prix [guragpurí]

Verificamos no registro de Rodriguez (Shima, 1969, pág. 358), observações referentes à realização dos itens lexicais do Português pelos japoneses, as quais vêm reforçar as considerações acima:

"Notase, que posto que os Iapoens pronunciam toda a sua língua com syllabas simples de hũa consoante, e hũa vogal, v.g. Padre, di - zem, Patere, dizem Chirindade, Natal, Nataru, Ecclesia, Yequerejia, etc".

As realizações com a epêntese das vogais parecem freqüentes nos empréstimos, nas leituras cuidadosas dos itens lexicais. (Sezaki, 1980) e numa fala enfática. Nos nossos dados verificamos realizações deste tipo, com certa freqüência, apenas na fala dos informantes 7, 8 e 9.

Ex: obra [obura] (9)
 lucro [rukuro] (7)
 imigração [imigurasõn] (8)
 trinta [torĩnta] (8)

Nos demais informantes, a sua ocorrência foi pequena (2 a 3 casos em média), havendo uma constância de realizações com segmentos de duração relativa mais longa do que a dos falantes nativos, conforme exemplos anteriores.

Atribuímos a incidência relativamente pequena de casos que se realizam com epêntese vocálica, nos nossos dados, ao tipo de corpus, que se baseou na fala coloquial dos informantes, onde o estilo informal e a velocidade da fala poderiam influir no não aparecimento das vogais epentéticas.

Poderíamos traçar, com base em dados de alguns dos informantes, um contínuo das ocorrências onde seriam representadas as fases pelas quais as diferentes manifestações teriam passado: a 1.^a fase quando ocorre a epêntese das vogais; a 2.^a fase, quando as vogais epentéticas têm uma duração relativamente menor e um certo ensurdecimento, e a 3.^a fase, quando não se verificam as vogais, e os segmentos consonantais são realizados com uma duração maior.

Estrut. do Port.	Estrut. do Port. dos japoneses		
	Fase I	Fase II	Fase III
CVC	CVCV [gob̥ɐruno] (9) (governo)	CVC. ^V 2 [dʒor̥ ^u nao] (9) (jornal)	CVÇ [raɾgado] (4) (largado)
CCV	CVCV [toɾe:s] (8) (três)	C. ^V CV [k̥ ^u riãnsa] (4) (criança)	ÇCV [rem̥bra] (1) (lembra)

Estes fatos nos mostram que embora os segmentos com duração maior da fase III não tenham um status de mora, isto é, unidade com duração maior, eles não são também realizados conforme a articulação característica dos falantes nativos do Português, ou seja, como CCV ou CVC. Podemos observar por meio destes dados o processo percorrido pelos falantes de Japonês na realização desta estrutura silábica estranha ao Japonês. A pequena incidência das vogais epentéticas na fala de todos os informantes seria decorrente do contexto em que os dados foram coletados, isto é, na fala informal. Por outro lado, a presença generalizada da epêntese poderia ser uma evidência de que as realizações se baseiam, num primeiro momento, nas características da língua primária.

A fase II, "intermediária", também verificada em alguns informantes, mostra o estágio pelo qual o falante teria passado até chegar ao estágio III. Considerando que a epêntese vocálica foi encontrada com frequência maior nos informantes 7, 8, 9 que chegaram ao Brasil em idade adulta, e que se caracterizam pela pouca fluência³ no Português, podemos dizer que a idade estaria influenciando na preservação de formas da fase I, isto é, as formas baseadas na unidade rítmica do Japonês.

Embora não haja uma manifestação concreta das moras nos casos que pertencem à fase III, os falantes parecem preservar ainda a consciência do status silábico que essa unidade possuía. Em termos de estrutura, o falante não segue a estrutura das moras do Japonês, uma vez que não se verifica mais o segmento vocálico, mas em termos durativos, notamos a influência das moras.

Com relação às sílabas travadas por nasais, esperar-se-ia que as nasais em finais de sílabas fossem realizadas como uma unidade silábica independente da sílaba anterior, conforme a característica do Japonês em que a nasal (N) representa uma mora e constitui uma unidade de ritmo.

Os casos verificados nos nossos dados, no entanto

to, foram:

- a) vogal nasalizada mais o segmento nasal velarizado: vinte [βĩŋtʃi] (3)

assim [aŋsĩŋ] (2)

- b) vogal nasalizada mais o segmento nasal alveolar: fazenda [fʌzẽnda] (1)

- c) vogal nasalizada: endurece [ẽduɾẽse] (6)

irmã [irmã] (5)

Desenvolvendo:

- a) casos de vogal nasalizada mais a vogal velarizada foram verificadas no contexto onde a fala se caracterizava por uma velocidade mais lenta e nos itens lexicais realizados com ênfase. Ex: assim [asĩŋ] (2,10)

cinco [sĩŋkø] (1)

Este tipo de sequência parece ser freqüente nos empréstimos e nas leituras cuidadosas dos itens lexicais, conforme os dados de Sezaki (pág.109).

Ex: anta [aŋta]

campo [kaŋpø]

A realização da nasal velar [ŋ] reflete em maior grau a influência da mora nasal, embora ela não tenha um status de uma sílaba.

- b) vogal nasalizada mais a nasal alveolar - verificamos uma ocorrência constante deste tipo de sequência nos nossos dados. O segmento

nasal é realizado como parte da sílaba, mas possui uma duração relativamente maior quando comparado com a realização dos falantes nativos.

Ex: balançando [barã̃sã̃dɐ] (7)

cincoenta [ʃĩ̃kɔ̃ẽ̃ntɐ] (4)

Considerando que, em alguns casos, os falantes nativos do Português realizam esta seqüência pela vogal nasalizada (Ṽ) sem o segmento nasal, a presença de [n] no Português dos japoneses mostra que esse segmento possui dentro do seu sistema, um valor fonológico de destaque no ambiente em questão:

Ex: /san-nin/ — [sã̃ŋ-nĩ̃ŋ] ou [sã̃n-nĩ̃]

(três pessoas)

- c) vogal nasalizada - as vogais com elemento nasal do Português seriam, em princípio, realizadas pelos japoneses por meio de vogal mais a mora nasal (V + N), mas verificamos, conforme caso anterior, que as vogais nasalizadas são realizadas mesmo no Japonês. Encontramos este tipo de realização no Português dos japoneses no desempenho mais rápido da língua.

Ex: mamãe [mamã̃v] (1)

assim [ã̃nsĩ̃] (3) [asĩ̃] (4)

não [nõ̃] (1,2,3)

vim [vĩ̃] (5,7)

Embora uma manifestação baseada na fala rápida esteja relacionada com o emprego de processos fonológicos da língua primária, nestes casos o desempenho mais próximo ao da língua secundária, parece ocorrer numa fala mais rápida. Este fato estaria relacionado com o aspecto rítmico do Português que tende ao ritmo acentual. Para os japoneses

cuja língua tende ao ritmo silábico, a velocidade mais rápida viria influir na assimilação ou queda de algum segmento, no caso, do segmento nasal, para que a sua realização se aproximasse à do Português.

O ditongo é uma outra estrutura que o Japonês não possui no seu sistema. Segundo Nagara (1972, pág. 65), os ditongos seriam realizados pelos japoneses por meio de uma sequência de duas vogais que corresponderiam a duas moras e, por conseguinte, duas sílabas, como exemplifica com os ditongos do Inglês.

[fãito] para "fight"

[abãuto] para "about"

Embora esta observação seja verdadeira uma vez que casos desta natureza se verificam nos estilos formais, nas leituras, e na fala silabificada, notamos que os ditongos do Português são, na maioria dos casos, realizados como tal pelos japoneses.

Ex: pai [pa.i] (5)

Paulo [pa.uo] (10)

meu [me.o] (2)

Hã, no entanto, realizações características nos casos de: [e:] [o:] em que a sequência vocálica é realizada por meio de alongamento da primeira vogal:

parei [pare:] (5)

morou [mo:ro:] (1)

Estas seqüências são sempre realizadas em Japonês, como uma vogal longa, em todos os ambientes, mas interpretadas como duas moras.

Ex: seikatsu (vida) - [se:katsu] /se-e-ka-tsu/

houhou (método) - [ho:ho:] /ho-o-ho-o/

[1V] - são realizados por meio de segmentos palatalizados do Japonês.

Ex: pátio [patso] (2)
 negócio [negoso] (7)
 agência [adzẽŋsa] (5)

Nestes casos, os falantes já não tomam estes ditongos do Português como uma seqüência de dois segmentos vocálicos, portanto não interpretam como duas moras; mas interpretam-nos como uma consoante palatalizada do Japonês. Estes falantes perceberão que estes casos se referem a uma seqüência de duas vogais somente através de posterior contacto com a escrita do Português. Verificamos que mesmo no registro do Português em Kana, esta seqüência é considerada como uma palatalizada < C_jV >.

Os ditongos nasais /ão/ são realizados pelos japoneses ou por meio de uma vogal nasalizada [ṽ] ou por meio de uma seqüência de vogal nasalizada mais o segmento nasal [ṽ + n]. A vogal consiste na maioria dos casos de / o / pelo fato de os falantes tomarem a seqüência [ẽo] como próxima a / õ /. Há casos em que o falante realiza [a - õ] tendo como base a escrita.

Ex: irmão [ir-ma-õ]

Como estes casos não ocorrem na manifestação coloquial, isto vem indicar que o falante recorre ao emprego da vogal mais próxima àquela de que tem percepção, isto é, / o / mais o segmento nasal / n /, realizando-os como [õŋ] ou [õn]. A vogal se nasaliza pela assimilação da nasal contígua [õ-n].

Ex: então [ẽntõŋ] [ĩntõŋ] (1)
 algodão [argodõŋ] (8)
 brejão [bredʒõŋ] (7)
 Japão [dʒapõŋ] (8) [dʒapõn] (6)
 irmão [ĩrmõŋ] (3) [ĩrmõn] (5) [ĩrmõ] (3)

Esta realização característica dos falantes de Japonês tende a mudar [õŋ] para [õ] e finalmente [ẽõ] à medida que o falante adquire fluência no Português.

Duração das sílabas

Um aspecto que se destaca no Português dos japoneses é a frequência de sílabas que têm uma duração mais ou menos uniforme. Este tipo de sílaba sofre interferência das moras, unidades rítmicas do Japonês que se caracterizam por uma duração mais ou menos igual, na medida em que as sílabas são realizadas com uma duração maior e uniforme. A duração relativamente maior das sílabas realizadas pelos japoneses seria consequência da realização plena dos segmentos vocálicos, sem modificações na qualidade das vogais, por influência do ritmo silábico da língua. A duração dos segmentos vocálicos seria mais longa em termos relativos, o que acarretaria uma duração maior das sílabas em seu Português.

Ex: [ðẽzẽbrõ ðẽ kwãrẽntã i ãũ] (3)
 (dezembro de quarenta e um)
 [kõŋfiãnsã] (7)
 confiança
 [prãntã] (2)
 planta

No entanto, por influência do estilo de fala mais rápido, a característica de duração maior das sílabas que levantamos não se apresenta de maneira constante. Verificamos casos de levantamento das vogais, ou mesmo elisão e

queda das mesmas, acarretando uma duração silábica diversa daquela que caracterizaria o Português dos japoneses, isto é, sílabas com duração maior e mais ou menos uniforme.

Ex: o resto é [õ rɛstõɐ] (3)
 com a [kõɐ] (6) [kãɐ] (9)

Por outro lado, as sílabas tônicas do Português são realizadas pelos japoneses por meio de uma duração consideravelmente longa. Estes falantes elevam o tom e prolongam a duração das sílabas para "traduzir" a intensidade do acento. Isto porque, enquanto o acento do Português, se caracteriza pela intensidade, duração e altura melódica, o Japonês tem o seu acento caracterizado pela duração e altura melódica.

Ex: velho [vɛ̃ : rjõ] (2)
 cidade [sĩdã : dɪ] (1)
 escolar [ẽskõrã : ʃ] (10)

Um outro fator que viria contribuir para a acentuada duração das sílabas tônicas seria decorrente do destaque que os japoneses dão a estas sílabas, conservando-se a realização das sílabas átonas sem modificações de caráter fonético como a queda e elisão das vogais. Este tipo de realização das sílabas átonas reflete a influência do ritmo silábico do Japonês que se caracteriza por uma ocorrência de sílabas de duração mais ou menos iguais.

Nas línguas que tendem ao ritmo acentual como é o caso do Português, são as sílabas tônicas que marcam o ritmo através da isocronia acentual. As sílabas átonas nas línguas que tendem a esse ritmo se caracterizam por uma variabilidade na duração para manter a isocronia acentual. O Português dos japoneses realizado com destaque nas sílabas tônicas não terá isocronia acentual porque o espaço de tempo entre as tônicas varia de acordo com o número de sílabas átonas. Por outro lado, não haverá também isocronia silábica porque as sílabas tônicas terão uma duração mais longa

do que as átonas.

Sabemos que, na fala coloquial, estes casos não se revelam de maneira uniforme e constante. Os dados examinados constituem casos representativos que permitem verificar um certo grau de interferência. A fala dos informantes se caracteriza pela ocorrência de todos estes casos em graus diversos de interferência, havendo apenas variação na freqüência de sua realização. Sendo assim, torna-se impossível adotar um critério para classificar os informantes segundo o grau de interferência que apresentam.

As observações referentes à duração das sílabas tiveram uma comprovação mais exata através de alguns dados testados no espectrógrafo. Não podemos, certamente tomar estas observações como sendo decisivas, dada a limitação dos exemplos, mas estes dados fornecem-nos fundamentos mais precisos para as hipóteses de interpretação que fazemos neste trabalho:

Os enunciados testados no espectrógrafo foram:

- Ela chegou sozinha.
- Nasci no interior de São Paulo.

Estes enunciados foram lidos por um informante japonês (IJ), um informante campineiro (IC) e um informante nissei⁴ (IN). A duração das sílabas de cada informante se encontra no quadro anexo.

Nesta testagem, verificamos que as sílabas do IJ têm uma duração relativa maior do que as do IC, nos seguintes casos:

- 1) na sílaba travada por uma nasal (ex: in de "interior"), onde o falante realiza a sílaba como uma seqüência de dois segmentos.
- 2) nas sílabas tônicas. As sílabas tônicas têm uma duração acentuadamente maior no enunciado do IJ, conforme podemos verificar nesta relação tônica/ átona do I.J.

sílaba tônica	sílaba átona
350 /	162 m seg. (nasci)
312 /	150 m seg. (chegou)

Entretanto, a simples constatação de que as sílabas realizadas pelos japoneses, por influência das moras, têm uma duração relativamente mais longa do que aquelas dos falantes nativos, não constitui dado significativo para a verificação da interferência rítmica na língua secundária. Isto porque, mesmo no Português realizado pelos falantes nativos, podemos encontrar realizações que tendem a uma isocronia silábica, dependendo da velocidade com que ele é falado. (Abaurre-Gnerre, 1981b). Contudo, o Português falado com base na isocronia silábica provavelmente não seria igual àquele realizado pelos japoneses assim como o Japonês falado numa velocidade rápida (caso em que se observam características do ritmo acentual como a queda das vogais, a assimilação silábica, etc.) não se identificaria com o ritmo acentual do Português.

Ex: ittewa ikenai / ittewa ikenai/ —

(não pode ir) [ʔittɕa ikenai]

boku no uti /bokunout[ɪ]/ — [bokũntɕɪ]

(minha casa) (falante masculino)

Estes fatos nos levam a considerar que a simples adequação das unidades rítmicas em termos de duração das sílabas não seria suficiente para a realização de um determinado tipo de ritmo, havendo necessidade de se recorrer a outras unidades rítmicas além da duração silábica, tais como os pés e os intervalos.

Com relação aos acentos, embora tivéssemos verificado casos em que havia um domínio dos acentos de intensidade⁵, observamos que o seu emprego não seria suficiente para uma realização do Português sem interferência em termos rítmicos.

O estudo da interferência rítmica poderia se estender às unidades maiores, como os pés e os intervalos.

Para a investigação da influência destas unidades no Português dos japoneses empregamos os dados coletados através da leitura de enunciados curtos dos falantes campineiros e falantes de japonês. Embora os informantes japoneses não sejam os mesmo que colaboraram nos dados do nosso trabalho, consideramos que esta amostra seria importante para o exame das diferenças existentes entre as manifestações destes informantes (nativos e não nativos) com referência a unidades pés.

1. Eu moro no Brasil desde mil novecentos e quarenta.

IC- ẽo /moro no bra/zĩo /dezdi mi o nove/sẽntozĩ kwa/rẽntã.

IC- ẽo/moro no bra/zĩo /dezdi mi o novĩ/sẽntosĩ kwa/rẽntã.

IJ- ẽo/moro no? bra/zĩo, desdi? /mi o novĩ/sẽntos i kwa - /rẽntã.

IJ- ẽo /moro no bra/zĩo /desdi mi o nove/sẽntos i kwa/rẽntã.

2. Este não é o tipo de ritmo que ela gosta.

IC- /estĩ nõ ẽ o/tĩpo di /hitĩmo kela /gostã.

IC- /estĩ nõ ẽ o/tĩpo di /ritĩmo ki /ela /gostã.

IJ- /estĩ nõ /ẽ o /tĩpo de /hitĩmo ki /ẽra /gostã.

IJ- /estĩ nõ /ẽ /tĩpo dzi /hitĩmo ki /ela /gostã.

3. A cidade de Itu fica perto de Indaiatuba.

IC- ă si/dadı dzi/tũ fika /pẽto de /ĩndăă/tubă.

IC- ă si/dadı de i/tũ fika /pẽto de /ĩndăă/tubă.

IJ- â si/dad̃zi, d̃zi ʔi/tū/fik̃a /p̃ert̃o d̃zi ʔ/ʔf̃ndaĩā/tūbā.

IJ- ă ši/dad̃zi i/tū/fik̃a /p̃ert̃o d̃zi, f̃ndaĩā/tūbā.

Uma das diferenças que poderíamos levantar nestes exemplos é a ausência de isocronia acentual⁶ nas manifestações dos falantes de Japonês, ou seja, o espaço de tempo compreendido entre as sílabas tônicas salientes é diverso daquele dos falantes nativos do Português.

Conforme podemos observar nestes exemplos, há casos em que as demarcações acentuais dos falantes japoneses se igualam às demarcações da unidade pé dos falantes nativos. No entanto, a sua realização parece diferir daquela de um falante nativo, na duração relativa das sílabas e conseqüentemente no intervalo de tempo entre as sílabas tônicas.

Como a duração das sílabas foi uma marcação feita em termos relativos, sem um critério exato na marcação das manifestações, a identidade de duração nos dados dos japoneses e nos dados dos falantes nativos é também relativa. Nesse sentido, a comparação entre as manifestações do falante nativo e do falante japonês deverá ser feita também em termos relativos. A diferença entre as sílabas de duração longa seria detectável mesmo através da simples comparação, mas as sílabas consideradas breves não são comparáveis entre si porque a sílaba breve do falante japonês parece ter uma duração relativamente mais longa do que a sílaba breve do falante nativo. Mesmo que se verificasse uma correspondência entre as marcações nas sílabas dos falantes de Japonês e dos nativos, verificar-se-ia uma diferença na sua realização, até mesmo nos casos em que aparentemente se percebe uma semelhança na demarcação acentual.

A presença das pausas nos enunciados mais longos do Português dos japoneses viria contribuir para acarretar diferenças entre as manifestações dos falantes nativos do Português e dos japoneses, na medida em que as pausas quebrariam a isocronia acentual, salientando a caracte

rística da unidade intervalo (espaço de tempo entre as sílabas tônicas nas línguas de ritmo silábico). Estas pausas não se verificam em enunciados curtos, onde as unidades pés ocorrem com frequência maior.

Ex. [phi /ko o ū /ano ɿ /mɛ ɯ o] (3)

(Ficou um ano e meio)

[a /gora /pranto ka /phi /sodza ɿ /trigo ...] (9)

(agora planto café, soja, trigo.)

[...ĩn /tõn depoɿ /zeo /tsĩna kĩm /bora so /zĩna ...] (1)

(... então depois eu tinha que embora sozinha)

As pausas podem, de um modo geral, ter a função de diferenciar o conteúdo semântico dos enunciados, mas no Português dos japoneses a sua presença parece decorrer da falta de fluência na língua.

A variabilidade na duração das sílabas poderia, aparentemente, indicar uma aproximação às características do ritmo acentual do Português. Entretanto, é preciso levar em conta que essa variação só teria sentido dentro de uma isocronia acentual para que ela apresente características do ritmo do Português.

Voltando aos dados testados no espectrógrafo, verificamos que no enunciado "Ela chegou sozinha" há uma isocronia acentual perceptível nos pés de IC e IN, enquanto que na realização de IJ há uma variabilidade significativa na duração das unidades pés.

	/ela che	/gou so	/zĩnha	
IC	399	387	394	(mseg)
IN	499	487	461	(mseg)
IJ	437	938	366	(mseg)

Embora a isocronia acentual a que estamos nos referindo se baseie na percepção rítmica que temos do Português, os resultados numéricos viriam fundamentar esta nossa impressão auditiva na medida em que eles fornecem subsídios para avaliar a medida em termos relativos.

Um outro aspecto que podemos salientar nestes dados passados no espectrógrafo refere-se à distribuição relativa das durações silábicas. Há uma concordância relativa na duração das sílabas de IC e IN, enquanto que nas sílabas de IJ verificamos sílabas que apresentam uma duração relativamente breve quando comparadas com as correspondentes dos demais informantes.

	e	la	che	gou	
IC	112	112	175	225	(mseg)
IN	150	149	200	250	(mseg)
IJ	125	162	150	312	(mseg)

	na	si	no	Λ	in	te	ri	or	
IC	150	212	112		37	125	224		(mseg)
IN	168	337	343		75	131	275		(mseg)
IJ	162	350	249		175	50	162	174	(mseg)

Estes exemplos nos mostram que embora as sílabas de IJ tenham uma duração variável, isto não significa que o enunciado seja realizado segundo a característica do ritmo acentual, porque essa variação durativa não resulta da isocronia acentual, mas provém da acentuada duração da sílaba tônica.

Quadro de duração das sílabas
(mseg)

Inf. Campineiro	e	la	fe	gou	^	so	zĩ	na
Inf. Campineiro (IC)	112	112	175	225		162	394	
Inf. Japonês (IJ)	125	162	150	312	450	176	249	117
Inf. Nissei (IN)	150	149	200	250		237	299	162

	na	si'	no	ĩn	te	ri	or	du	são	pau	lo
Inf. Campineiro (IC)	150	212	112	37	125	224		62	175	387	125
Inf. Japonês (IJ)	162	350	249	176	50	162	174	224	225		
Inf. Nissei (IN)	168	337	343	75	131	275		112	199	274	97

NOTAS DO CAPÍTULO V

1. a marcação da duração foi feita em termos perceptuais.
2. C.^V - nesta seqüência a vogal possui uma duração relativamente menor, com ensurdecimento.
3. neste trabalho consideramos a fluência como o domínio que os falantes têm das estruturas fonológicas do Português.
4. filho de pais japoneses, nascido no Brasil.
5. o fator intensidade do acento do Português é normalmente interpretado pelos japoneses através de uma duração mais longa das sílabas.
6. a medida da isocronia acentual se apóia na impressão auditiva baseada na nossa percepção do ritmo do Português.

CAPÍTULO VI - INFLUÊNCIA DOS FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS.

Para que o estudo da interferência alcançasse uma interpretação significativa, seria necessário que esse fenômeno fosse observado juntamente com os fatores extralingüísticos que poderiam exercer influência no desempenho de uma língua, considerando que nem todas as formas previsíveis de interferência se materializam (Weinreich, 1970, pág.3). Conforme vimos nos capítulos anteriores, a interferência ocorre em várias fases: desde aquela em que uma língua é realizada segundo os padrões da língua primária, até aquela em que os falantes incorporam em maior grau as características da língua secundária.

Consideramos esta variação como decorrente da conscientização dos japoneses com relação aos processos fonológicos do Português e da atuação dos fatores extralingüísticos no comportamento lingüístico dos falantes. Como o funcionamento da língua se processa em concordância com o meio em que ela é empregada, os casos não explicáveis em termos lingüísticos poderiam ser interpretados com base na influência dos fatores extralingüísticos. É o caso do emprego de j no lugar de *ʎ* : [trabaja] (trabalha), [koje:] (colher), que seria justificável considerando-se a influência dos falantes do Português com os quais os japoneses tiveram contacto.

O nosso objetivo neste capítulo limitar-se-á à observação dos fatores extralingüísticos que estariam atuando no Português dos japoneses. Isto porque uma análise mais exaustiva deste problema, que relacionasse de forma sistemática a interferência com a atuação dos elementos extralingüísticos, exigiria um outro tipo de dados com um número maior de informantes e uma postura de pesquisa também diversa daquela que predominou no nosso trabalho. A preocupação maior no nosso trabalho consistiu no levantamento de características segmentais e suprasegmentais que interferem ou não no Português falado pelos japoneses.

Para as considerações que envolvem a influência dos fatores extralingüísticos no Português dos japoneses , poderíamos tomar o critério da fluência, considerando como fluentes em Português os falantes que se manifestam segundo a estruturação fonológica do Português, sem se basearem inteiramente na estrutura da língua primária. Os informantes 1,2,3 e 5 apresentaram tendência a realizar os segmentos da língua secundária com maior cuidado, isto é, os sons realizados por eles se aproximam daqueles do Português, como é o caso de [v,f,z/-i,l]. Outras características em comum que poderiam ser significativas nestes informantes são:-

a) o contacto relativamente intenso com os falantes nativos do Português em decorrência da sua proficiência (inf.3,5);

b) o contacto com os falantes nativos se deu quando os informantes eram crianças (inf. 1,2 e 3).

Como critério de avaliação do grau de interferência segmental no Português dos japoneses, tomaremos a incidência de segmentos do japonês. Dentre os dados analisados verificamos que existem informantes cujo Português se caracteriza pela predominância de segmentos da língua primária e informantes que empregam concomitantemente os segmentos da língua primária e os segmentos que se aproximam aos do Português.

Exemplo: o segmento /l/ é realizado como [r] pelos informantes 4,7,8,10 e como [l] e [r] pelos informantes 1,2,3,5,6,9.

Para efeitos do nosso estudo consideraremos os primeiros como +JAP e os últimos como -JAP. Faremos considerações acerca da influência dos elementos extralingüísticos através da relação que se estabelece entre os informantes de um determinado grupo e os fatores extralingüísticos identificados como relevantes.

Relação dos informantes de acordo com a classificação +JAP e -JAP.

Seg.do Port.	-JAP		+ JAP	
l	l, r	1,2,3,5,6,9	r	4,7,8,10
ʎ[ʎ,j]	rj,j,lj	1,2,3,7,8,10	rj,j	4,5,6,9
r[r,h]	r,h	1,2,6	r	3,4,5,7,8,9,10
f	ɸ,f	1,2,3,5	ɸ	4,6,7,8,9,10
			h,ç	8
v	β,v,ʋ	1,2,3,5	β,b	4,6,7,8,9,10
s/_i	s,s	1,2,3,5,8,9,10	s	4,6,7
z/_i	z,z	1,2,3,5,7	dz,z	4,6,8,9,10
ʃ	s,ʃ	1	s	2,3,4,5,6,7,8, 10
3	z,3	7(influência do dialeto Jap.)	dz,3	1,2,3,4,5,6,8, 9,10

Com referência ao aspecto suprasegmental, as características que tendem ao -JAP seriam determinadas pelo emprego de processos fonológicos característicos do ritmo do Português, tais como a realização das sílabas sem a epêntese das vogais, a variação na duração das sílabas; e ao +JAP, as realizações com características rítmicas predominantemente do japonês, como por exemplo a duração mais ou menos igual das sílabas. Entretanto, torna-se difícil uma caracterização dos falantes segundo o desempenho +JAP ou

-JAP, no aspecto suprasegmental, porque verificamos uma co-ocorrência de dados que tendem ao +JAP e -JAP, na fala dos nossos informantes.

As variáveis que serão consideradas neste trabalho são:

- idade quando da chegada ao Brasil
- permanência no Brasil
- residência urbana/rural
- profissão.

Idade quando da chegada ao Brasil

Considerando três faixas de idade, quando da chegada ao Brasil, podemos classificar os informantes em:

Grupo I: até 10 anos - inf. 1,2,3,

Grupo II: de 11 a 17 anos - inf. 4,5,6,7

Grupo III: mais de 18 anos -inf.8,9,10.

Observando o quadro da página , podemos dizer que os informantes que chegaram ao Brasil com menos de 10 anos de idade tendem a realizações mais próximas às do Português, como ocorre com os segmentos /l, r, /, f,v,s/, enquanto que os informantes que chegaram em idade já adulta tendem a empregar segmentos mais próximos aos da língua primária.

Embora os dados sejam poucos, estes casos parecem confirmar a hipótese de que a aprendizagem da língua secundária com os elementos característicos dessa língua se processa com maior facilidade pelas crianças.

Em termos suprasegmentais não verificamos uma regularidade na ocorrência de características rítmicas do Português em todos os grupos de informantes. Poderíamos considerar que, no aspecto suprasegmental, a idade não vem influir na maior ou menor influência das características suprasegmentais do japonês. A abordagem desta questão no nível suprasegmental seria significativa se estabelecessemos relação com a fluência da língua.

Permanência no Brasil

Esta variável não possui um valor significativo no nosso trabalho porque os informantes, com exceção do inf. 9 que está no Brasil há 23 anos (em 1980), podem ser considerados como um grupo único. Todos têm a característica de terem vindo antes da guerra, nos anos 30. Entretanto, podemos dizer que este fator determinaria um valor significativo na interferência da língua primária se observado em conjunto com outros fatores, como a atitude na aprendizagem da língua e a frequência de uso da língua.

Residência

A simples observação desta variável parece não ser significativa para a determinação das tendências +JAP e -JAP. (pelo menos no aspecto segmental) no Português dos japoneses. Isto porque verificamos em cada tipo de residência (urbana e rural) informantes de ambas as tendências. Dentre os informantes residentes na cidade (infs. 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10) apenas os informantes 3 e 5 possuem um desempenho que tende ao -JAP, enquanto que os demais caracterizam-se por uma realização +JAP. Com relação aos informantes residentes na zona rural (infs. 1, 2, 4), os informantes 1 e 2 caracterizam-se por -JAP e o inf. 4 por +JAP.

Consideramos que esta variável seria significativa se observada em conjunto com outras variáveis tais como a idade, e a frequência de emprego da língua para se obter informações mais consistentes.

Profissão

Esta variável relacionada com a frequência de uso do Português parece exercer influência no emprego de processos fonológicos do Português, porque os informantes que apresentaram maior fluência (inf. 1, 2, 3, 5) foram, com exceção da inf. 1, aqueles expostos a um contacto maior com os falantes nativos do Português.

Embora os nossos dados não sejam suficientes para se fazer considerações significativas sobre a influência dos fatores extralinguísticos na interferência fonológica do Japonês, podemos ressaltar alguns pontos que nos pareceram relevantes.

A permanência no Brasil teria o seu significado se analisada em conjunto com outros fatores, tais como a frequência de uso da língua e a atitude com relação à aprendizagem da língua secundária. Isto porque os anos no Brasil não exercem influência no desempenho do falante se ele se isola do contacto com falantes nativos do Português e não mostra interesse na aquisição de nova língua. Nesse sentido, um falante com permanência menor no Brasil seria capaz de se expressar com maior facilidade e rapidez do que aquele que reside há mais de 50 anos no Brasil, se a sua participação na sociedade for mais intensa.

A residência dos informantes baseada na contraposição urbana/rural também parece não exercer influência na interferência fonológica do Japonês. Embora as condições de uso do Português pareçam maiores na cidade, esta variável residência nem sempre viria exercer influência no Português dos japoneses, se estes falantes se isolam no seu círculo de amizade constituído apenas de japoneses.

Observamos também entre os falantes que residem na cidade uma recusa maior na colaboração para a nossa coleta de dados, sob a alegação de que não dominam bem o Português. Esta atitude poderia refletir uma postura de reserva tomada pelos japoneses após a transferência da residência para a zona urbana, quando se conscientizam de que o Português falado por eles não é uma variante culta. Em contraposição, os informantes residentes na zona rural foram mais acessíveis, embora houvesse casos em que os dados não puderam ser aproveitados porque seu Português tendia ao "Português pidgin" dos japoneses do Brasil, compreensível apenas por aqueles que entendem ambas as línguas. A presença de segmentos que caracterizam o Português caipira se justifica mesmo naqueles que moram atualmente na zona urbana, considerando que, regra geral, os nossos informantes

residiram anteriormente na zona rural. Isto vem mostrar a persistência dos elementos adquiridos na fase inicial de contacto com a nova língua.

Podemos dizer que dentre as variáveis observadas, a idade quando da chegada ao Brasil influi na maior ou menor incidência das características fonológicas do Português. Esta variável parece ser de importância porque as demais variáveis se relacionam sempre à idade com que o falante tomou contacto com a língua secundária.

Considerando que as crianças aprendem com maior facilidade os processos fonológicos de uma língua, esperar-se-ia que os falantes que tivessem tomado contacto com o Português quando crianças empregassem os sons mais próximos aos do Português. Este fato parece acontecer pelo menos como tendência nos informantes que chegaram ao Brasil com a idade de até 10 anos, o que viria confirmar, em parte, a expectativa acima, embora não se verifique uma constância nessas realizações. A falta de constância mostra que não houve ainda um domínio total das características fonológica do Português por esses informantes, indicando que a interferência do Japonês é ainda considerável. A inf.1 que chegou ao Brasil com a idade de 5 anos e que começou a cursar o primário, teria, conforme considerações acima, um desempenho comparável ao Português dos nativos, mas observamos que não é o que ocorre em termos reais, uma vez que o seu Português é também carregado de interferência do Japonês. Isto vem demonstrar um outro fator que viria influir na realização do Português: o ambiente e as condições em que se deu a aprendizagem da nova língua. Se a criança vive no meio de japoneses recebendo uma influência intensa e única dos membros que só falam o Japonês, sem contacto com os falantes nativos do Português, a situação não difere muito daquela à qual estaria sujeita no Japão. Nesse sentido, o Português falado por esse informante seria carregado de interferência como é o caso da inf.1, mostrando a importância do meio em que se deu a aprendizagem da língua secundária.

A presença de nisseis que falam o Português carregado de características fonológicas do Japonês viria confirmar esta observação. Embora haja necessidade de se considerar outros aspectos além da convivência, uma constatação baseada na observação empírica nos mostra que os nisseis que tiveram (e têm) pouco contacto com falantes nativos do Português e vivem numa comunidade fechada de japoneses, falam um Português carregado de interferência do Japonês. Entretanto, achamos que se trata de uma interferência já diferente daquela que ocorreu no caso dos japoneses (1ª geração), uma vez que os nisseis são falantes de Português que tiveram um aprendizado da língua de forma sistemática nas escolas, quando crianças. O estudo da fala dos nisseis (e também de outras gerações) é um tópico que exige uma investigação cuidadosa porque viria fornecer novas perspectivas para a consideração do problema da interferência, tais como um melhor conhecimento dos aspectos da língua materna que se preservam por mais tempo.

Em termos suprasegmentais, a constância dos traços relativos à duração viria indicar que as características rítmicas do Japonês ainda persistem de maneira marcante. Nesse sentido, a influência dos fatores extralinguísticos parece não ser decisiva neste aspecto, com exceção talvez, da variável profissão. O tipo de profissão que os japoneses exerceram parece influir na atitude relacionada com o Português. Uma profissão que exige contacto maior com os falantes nativos do Português exigiria do japonês uma postura mais positiva com relação a língua secundária.

Apenas com base nas observações extraídas do contexto da entrevista e nas observações pessoais, podemos dizer que os falantes que apresentaram um Português mais cuidadoso em termos fonológicos foram, de modo geral, aqueles que tiveram uma preocupação em aperfeiçoar o seu Português. Os nossos dados são insuficientes para inferir considerações significativas a respeito, mas achamos que esta preocupação seria decorrente da pressão que os japoneses sofreram na sociedade brasileira. A pressão sobre o comportamento lingüístico dos falantes de Japonês ocorreria quan

do os japoneses passam a intensificar o contacto com os fa
lantes nativos do Português. Este tipo de pressão acarreta
ria uma mudança na atitude dos japoneses que passariam a
realizar o Português com maior cuidado.

CAPÍTULO VII - CONCLUSÃO

Confirmando a proposta de Weinreich, os sons da língua secundária são realizados segundo a interpretação que o falante faz com base nos processos fonológicos da sua língua primária. Entretanto, contrariando em parte a expectativa que se tem dos casos prováveis de interferência, ele ocorrem:

- a) nos segmentos presentes apenas na língua secundária, (f, v, ʒ, r, l, ʎ)
- b) nos segmentos presentes em ambos os sistemas, mas que possuem pontos de articulação diferentes (ʃ, dʒ, tʃ).

Os casos que escapam à nossa expectativa são aqueles segmentos que possuem uma distribuição alofônica na língua primária diversa daquela da língua secundária, como é o caso de /t/ e /d/ diante de /u/: [ts, dz].

A interferência no nível segmental persiste:

- a) nos casos em que há uma pequena diferença de ponto de articulação entre segmentos presentes em ambos os sistemas. Ex. o segmento /ʃ/ é realizado como [ʃ] pelos falantes nativos, e como [ʃ̣] ([ʃ̣]) pelos falantes de Japoneses.
- b) nos casos em que se exige do falante a aquisição de nossos fonemas, como é o caso de /f, v, l, r, ʎ, ʒ/.

Por outro lado, a presença de [h] e [ç] nos nossos dados para representar o segmento /f/ do Português, poderia ser indicativa de que os sons da língua secundária eram realizados conforme os processos fonológicos da língua primária obedecendo até mesmo o critério de distribuição ambiental desta língua. Este caso poderia refletir a manifestação lingüística dos japoneses na fase inicial de contacto com o Português.

No aspecto suprasegmental, o Português dos japo

neses se caracteriza pela influência da unidade mora. A atuação destas unidades se verifica na duração mais ou menos igual das sílabas e na duração relativamente mais longa dos segmentos que constituem as sílabas. No entanto, podemos afirmar que, mesmo com estas características, o Português dos japoneses não se realiza conforme o ritmo silábico do Japonês, isto é, por meio da repetição de sílabas de duração mais ou menos igual, porque verificamos também uma variabilidade na duração das sílabas. Esta variação na duração seria decorrente do estilo da fala coloquial e da realização das sílabas tônicas com uma duração longa.

A variabilidade na duração das sílabas poderia indicar uma aproximação às características do ritmo predominantemente acentual do Português, mas ela parece não refletir este tipo de ritmo porque não verificamos a ocorrência da isocronia acentual nas manifestações dos japoneses.

Estas constatações resultam do primeiro contato com os problemas relacionados com a interferência do Japonês no Português e, nesse sentido, as interpretações feitas são de caráter não definitivo. As questões levantadas exigiriam investigações mais específicas para se chegar a uma compreensão mais abrangente do problema que relaciona o Japonês com o Português, e do fenômeno da interferência lingüística.

Com referência à atuação dos fatores extralingüísticos no Português dos japoneses, observamos que nem todas as variáveis consideradas exercem influência na interferência da língua primária (cf. permanência no Brasil, residência). Dentre as variáveis observadas, a idade quando da chegada ao Brasil parece determinar o Português dos japoneses com referência à incidência de processos fonológicos característicos do Português.

Verificamos também que o isolamento favorece a preservação da língua primária e, nesse sentido, o Português falado pelos japoneses que tendem ao isolamento possui um grau maior de traços do Japonês. Entretanto, este isolamento não se refere apenas ao isolamento ambiental,

isto é, do meio em que o falante vive, mas ao isolamento que se reflete na atitude de reserva frente à sociedade brasileira; porque se o isolamento físico vem favorecer uma persistência da interferência, o estabelecimento nas áreas urbanas não acaba com a interferência, principalmente a fonológica.

Nesse sentido, o tipo de profissão que exige um contacto maior com os falantes nativos ao Português viria exercer influência no desempenho que tende ao -JAP, na medida em que os japoneses passam a ter uma atitude de maior cuidado com a língua. Essa atitude seria decorrente das pressões sociais que os falantes sofrem em consequência da intensificação do contacto com a sociedade brasileira.

BIBLIOGRAFIA:

- Abaurre-Gnerre, M.B.M., 1981a. "Considerações sobre a utilização de registros Palatalizados e Labiovelarizados em um dialeto do litoral do Espírito Santo", in: Anais do V Encontro Nacional de Lingüística, Departamento de Letras PUC/RJ.
- _____, 1981b. "Processos Fonológicos Segmentais como Índices de Padrões Prosódicos Diversos nos Estilos Formal e Casual do Português no Brasil", in Cadernos de Estudos Lingüísticos 2:23-44. UNICAMP, Campinas.
- Abercrombie, D., 1967. Elements of General Phonetics. Edimburgo. Edinburg University Press
- _____, 1971. Studies in Phonetics & Linguistics. Londres: Oxford University Press.
- Arisaka, H., 1969. On-in-ron (Fonologia). Tóquio: Sanseido
- Bloch, B., 1968. "Studies in Colloquial Japanese IV - Phonemics", in M. Joos (org.), Readings in Linguistics I. Chicago: The University of Chicago Press.
- Cagliari, L.C., 1981a. "Investigando o Ritmo da Fala", in: Anais do V Encontro Nacional de Lingüística, Departamento de Letras. PUC/RJ. p.290-304.
- _____, 1981b. Elementos de Fonética do Português Brasileiro. Tese de Livre Docência-UNICAMP.
- Câmara Jr., J.M., 1971. Problemas de Lingüística Descritiva. Petrópolis: Ed. Vozes
- _____, 1977. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Handa, T., 1970. Imin no Seikatsu no Rekishi (História da Vida dos Imigrantes). São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.
- _____, 1973. "O destino da Língua Japonesa no Brasil", in Saito H. e T. Maeyama (orgs.), Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil. São Paulo, Ed. Vozes/EDUSP.

- Hashimoto, M., 1977. "On-in no taikei to kōzō" (O sistema e a estrutura dos fonemas). In Ono, S. e T. Sibata (orgs.) Nippongo (Língua Japonesa), vol. 5, "On-in" (Fonologia). Tóquio: Iwanami.
- Hashimoto, S., 1968. Kokugo On-in-shi (História da Fonologia da Língua Japonesa). Tóquio: Iwanami
- _____, 1969. Kokugo On-in no kenkyū (Estudo da Fonologia da Língua Japonesa). Tóquio: Iwanami.
- Hattori, S., 1976. Gengogaku no Hoho (Métodos Linguísticos). Tóquio: Iwanami.
- Hayashi, T., 1977. "Nippon ni okeru Kanji" (O Kanji no Japão). In Ono, S. e T. Sibata (orgs.), Nippongo (Língua Japonesa), vol. 8, Moji (Escrita). Tóquio: Iwanami.
- Hensey, F.G., 1972. The Sociolinguistics of the Brazilian - Uruguayan Border. Haia: Mouton.
- Honikman, B., 1964. "Articulatory Settings", in D. Abercrombie (org.), In Honour of Daniel Jones. Londres: Longmans.
- Hooper, J.B., 1976. An Introduction to Natural Generative Phonology. Nova Iorque Academic Press
- Jouo, H., 1977. "Gendai Nippongo no On-in" (Fonemas do Japonês Moderno). In Ono, S. e T. Sibata (orgs.), Nippongo (Língua Japonesa), vol. 5, "On-in" (Fonologia). Tóquio: Iwanami.
- Kindaichi, H., 1967. Nippongo On-in no Kenkyu (Estudos sobre a Fonologia do Japonês). Tóquio: Tōkyōdō.
- Komatsu, S., 1970. Kana. Tóquio: Iwanami.
- Labov, W., 1971. "The Study of Language in its Social Context", in Fishman, J.A. (org.) Advances in the Sociology of Language. Haia: Mouton.
- Lovins, J.B., 1974. "Why Loan Phonology is Natural Phonology", in Papers from the Parasession on Natural Phonology. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- Mc Cawley, J., 1968. The Phonological Component of a Grammar of Japanese. Haia: Mouton.

- Nagara, S., 1972. Japanese Pidgin English in Hawaii - A Bilingual Description. Hawai: the University Press of Hawaii.
- Saito, H., e T.Maeyama (orgs.) 1973. Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil. São Paulo:Ed. Vozes/EDUSP.
- _____, 1980. A Presença Japonesa no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP.
- Sezaki, N.H., 1980. Um estudo fonético dos problemas de pronúncia dos imigrantes de Tóquio em Mogi das Cruzes. Dissertação de Mestrado. Universidade de Mogi das Cruzes.
- Shima, S. (org.), 1969. Rodriguez Nippon Dai-Bunten. (A Gramática Japonesa de Rodriguez). Tóquio: Bunka Shobō.
- Suzuki, T. 1969. The Japanese Immigrant in Brazil. Narrative Part I e Part II. Tóquio: University of Tokyo.
- Trubetzkoy, N.S. 1969. Principles of Phonology. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.
- Tsukamoto, T. 1973. "Sociologia do Imigrante - Algumas Considerações sobre o Processo Migratório", in Saito, H., e T. Maeyama (orgs.), Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil. São Paulo: Ed. Vozes/EDUSP.
- Tsukishima, Y., 1959. Kokugogaku Yosetsu (Súmula da Língua Japonesa). Tóquio: Sōgensha.
- _____, 1972. "Kodai no Moji" (A escrita da era Antiga). in Nakata, N.et alii (orgs). Kokugo-shi (História da Língua Japonesa), vol.2, "On-in-shi. Moji-shi" (História da Fonologia. História da Escrita). Tóquio: Taishūkan.
- Weinreich, U., 1970. Languages in Contact. Haia: Mouton.

APENDICE I - AMOSTRA DE DADOS

Esta amostra foi selecionada do nosso corpus, tendo em vista fornecer exemplos que intercalam enunciados longos e enunciados curtos. A duração das sílabas foi marcada pelos sinais: — (longa), ˘ (média), ˙ (breve); e as sílabas tônicas foram demarcadas pelas barras.

Informante 1

P: A senhora achava feio (o dialeto de Fukuoka), por que?

R: ɛ̃ ɪ̃ntõ: a/şava /f̃e:j̃o . aşava /f̃e:j̃o pōrk̃e: ˘ (ano) ˘ ɛ̃ /b̃eŋ
d̃zĩf̃e/r̃eŋt̃si ñe . maɪ p̃ẽns̃ãd̃o a/g̃oɾ̃a ˘ ɛ̃r̃a aĩd̃ã b̃o/p̃ã:t̃o /s̃ab .
maɪ ɔ̃/kw̃ãd̃o p̃e/k̃eɳ̃a ˘ ɳ̃s̃ĩ a/şava /f̃e:j̃o .

(É então, achava feio. Achava feio porque... ano... é bem diferente né. Mai pensando agora, era ainda bonito, sabe? Mai eu quando pequena ansin achava feio.)

P: Com quantos anos a senhora veio?

R: ɛ̃ ˘ /ş̃ĩŋk̃o ˘ ɳ̃o . aĩd̃ã taβ̃a ma/m̃ãd̃o p̃or̃k̃e kaş̃:/l̃ĩ:ɳ̃a /mez̃m̃o .
/set̃ʃ̃i ˘ ɳ̃o d̃e/p̃oɪs ˘ ɛ̃o ñas̃ĩ /s̃oʒ̃ĩɳ̃a ˘ m̃eɳ̃ĩɳ̃a . ˘ ɔ̃t̃r̃o ˘ ɪ̃r̃/m̃oŋ t̃ud̃u /ɔ̃m̃ɪ
/ñe ˘ ma/m̃aĩ ˘ ɳ̃gr̃a/d̃aβ̃a /m̃oɪt̃o . ɛ̃ ˘ a/ĩd̃ã taβ̃a ma/m̃ãd̃o ˘ .

(É cinco ano. Ainda tava mamando porque caçulinha mesmo. Sete anos depois eu nasci sozinha, menina. Otro irmão tudo omi né, mamai agradava muito. E ainda tava mamando)

Informante 3.

P: Quando o sr. chegou ao Brasil?

R: mez de ab/riç /dzia nõ a/rẽmbro. /aş k̃era dzia /do:ze d̃i ab/
riç mi pa/r̃eş. şe/go nõ ăa/zẽnda sã /bent̃o. ă/ki i paõ/r̃ip̃wa
m̃u/i/şip̃io d̃i kã/pinaz.

(Mes de abrir, dia não alembro. Achi quera dia doze de abrir, me pa-
rece. Chegõ no fazenda São Bento. Aqui em Paulínia, município de
Campinas)

ma i ũ /dzia komo /şegõ pet̃ro/braz i paõ/r̃ip̃a k̃iŭã k̃ompra tẽ
/re:nã en/tõ vëndzim̃ /tudo. ă/i tẽ içmõ ke nõ /kiz ma k̃om/pr̃a:
tẽ otr̃o ke k̃om/pro: eõ k̃om/pre /nẽ an/si: ta k̃ontşinu/ẽndo.

(Mai, um dia como... chego Petrobrás em Paulínia, queria comprã ter-
reno, então, vendimo tudo. Aí tem irmão que não quis mai comprã, tem
otro que comprõ, eu comprei, nẽ, ansim tâ continuando.)

P. O que ẽ que o sr. plantava na fazenda Tozan?

R: karip̃i. nakere /tẽmpo ẽ:jãmmo/tşã inşen/to: de fa/ze: şoku/r̃i
foçma ka/r̃ip̃ito /nẽ eoka/r̃ipt̃o.

(Kalipi. Naquele tempo, a..., Yamamotsã inventõ de fazẽ shokurin,
forma kalipito, nẽ, eucalipto).

Informante 5

P. Quando o sr. veio para o Brasil?

R. [e_o /vĩ₁ /mirĩ₁ novẽ/sẽntẽ /trĩnta₁ /seĩs₁ e_o vĩ₁ /santos₁ nẽ .]
(eu vim miri novecento trinta e seis, eu vim Santos, nẽ.)

P. O sr. agora é jornalista. Logo que o sr. se mudou para Campinas já ... começou no ...

R: n₁ e_o /kwãnd_o v_ẽ pã Kãm/pĩna₁ e_o kômpre: /sitšo /nẽ₁ . e_o kômpre
/sitšo₁ , trãbajẽ₁ /mẽzmõ₁ nã₁ nã₁ , ra/borã₁ nẽ₁ .

P. O que o sr. plantava?

R. bõ₁ /zõnã₁ dẽ kãm/pĩnã₁ , mãĩs₁ ẽ₁ ber/durã₁ nẽ₁ . ãn/tõ prãntã₁ bã
bã/tãntĩ₁ /tẽmpõ₁ bã/tãntĩ₁ /tẽmpõ₁ .

P. Que verdura?

R: bõ₁ ẽ₁ zõnã₁ dẽ kãm/pĩnã₁ , nã/kẽrã₁ okãzi/õn₁ /ẽrã₁ /fõrsã₁ ẽ₁ to/matši₁
/nẽ₁ . /fõrsã₁ ẽrã₁ to/matši₁ . a/gãrã₁ zã mu/dõ:/muĩtõ₁ nẽ₁ .

(Não quando vei pa Campina, eu comprei sítio, nẽ. Eu comprei sítio, trabayei mesmo na, na lavoura, nẽ.)

(Bom, zona de Campina é mais é verdura nẽ. Então plantava bastante tempo, bastante tempo.

(Bom, é, zona de Campinas, naquela ocasião era força é tomate, nẽ. Força era tomate. Agora já mudô muito, nẽ.)

P: Agora já não dá mais tomate, ou ...

R: ẽ:d̃z̃a to/mat̃ pe/s̃iz̃a /t̃ɛ:ra /ño:ba s̃ab. in/t̃õ ʒa pr̃ant̃ar̃o /tuđu
 ñẽ ./pod̃i b̃ort̃a pr̃an/t̃a mãis ñõ /ẽ kom̃o/t̃ɛ:ra /ñoβ̃a ñẽ . iñt̃õ /z̃ẽn
 t̃i vãi /iñd̃o pa mãis iñter̃i/or̃o/t̃ɛ:ra /ñoβ̃a ñẽ .

(E já, tomate precisa terra nova sabe?. Então já plantaram tudo né.
 Pode vortá plantá mais não é como terra nova, né. Então gente vai
 indo pa mais interior, terra nova, né.)

Informante 6

P: Quando a senhora saiu de lá (do Japão)

R: mĩr̃ ñoβ̃e/s̃ẽnt̃õ tr̃int̃a t̃r̃ẽs ẽ d̃zĩ a/g̃ost̃õ ñẽ . õit̃õ d̃i
 a/g̃ost̃õ ẽõ sãi d̃zĩ /ra. dep̃õz̃ ẽ nab̃iõ ãsk̃e d̃z̃iz̃a/s̃ẽt̃s̃i d̃e a/g̃os-
 t̃õ .

P. Até lá ficou lá no Japão?

ẽ pãk̃e: /p̃ok̃õ ẽst̃u/da: /ñẽ ra ñõ /k̃ob̃ẽ /ñẽ . na/b̃iõ /s̃amã riõ
 d̃e ʒa/ñẽ:ro.

(Mil novecentos trinta e três, e, de, agosto né. Oito de agosto, eu
 saí de lá. Depois é navio achô que dezesete de agosto.)

(É, porque pouco estudá, né, lá no Kobe, né. Navio chama Rio de Ja -
 neiro)

.....

P: E depois foi para Assaí?

R: ẽs̃a/ĩmã /p̃ok̃õ /t̃ẽmp̃õ ñẽ . a/ĩ t̃ẽra ñõ d̃ehu/b̃a:da mas k̃i
 ñõ /t̃s̃ĩ̃a /ka:zã d̃eskahẽg̃õ: m̃u/d̃ãns̃a/mẽ d̃õ /mat̃õ .

(Assaí, mais poucos tempo né. Aí terra não derrubada, mas que não ti-
 nha casa,descarregô mudança mei do mato).

Informante 7

.....
 in/tô kwândo tşîna a/i meo paı saı/ô tşîna /seız anô in/tô fikeı
 kô meo a/bo. presizaşa ensi/na rîngwa zapo/ne:z /tar bca/zi o
 nô tê es/kô:ra zapo/ne:z ta:ra in/tô fike: ra kô meoa/bo. a/i kwândo
 fiko dıza/setı / anô a/i meo paı şa/mô eo /beı a/ki nê .

P: O sr. veio sozinho?

R: /sozın o. so/zın kwândo şe/geı /ra meo paı era kô/rônô i karpiã
 ka / feı.

(Então quando tinha, aí meu pai saiu, tinha seis ano, então fiquei com meu avô. Precisava ensinã língua japonês, tal, Brasil não tem escola japonês, tal, então fiquei lá com meu avô. Aí quando ficou dezesete ano, aí meu pai chamo, eu vei aqui, nê.)

(Sozinho. Sozinho, quando cheguei lá, meu pai era colono, e carpia café,)

.....
 ...a/i erı faro: /osê be amañã /no?şe /o:ra şa/ze: kôn/tratô komi-
 go . o/ε ne/gô: deşe/rêntı /bôba. a/i eo pranteı prân/teı ü
 /dzia tay şa/zêndo lınamêntara pra to/matı nê pa/trôn ta o/rjândo
 ebai şo do/pê dı ka/nêra aşın pê de ka/nêra gô/rândı . oı/jândo
 meo ser/şisô nê .

(...aí ele falô: oce vem amanhã nove hora fazê contrato comigo. Oê negócio diferente, bomba. Aí eu plantei, plantei, um dia tava fazendo linhamento lá pra tomate, nê, patrão tá olhando embaixo do pé de canela assim, pé de canela grande. Oiyando meu serviço nê.)

Informante 8

P: Ai também o sr. plantava café?

R: ákerē /tēmpo kompro /fīfī pa dzapōnez kōm /pra te/rē:nō .
 sēt̃si ar/ker̃ nē , io kōm/pre: . māvze des/pōvz io /prānta argo/dō: ,
 f̃a/rō todō /bōŋ f̃a/rō /prānta argo/dōŋ . s̃i /prānta argo/dōn ,
 nō /sab̃i noē . /sō ab̃ri bū/rakō prān/ta: , amañā /sē:dō ũ sē/mana
 nasē , βa, hōr/mīgā βa, /tudō kō/me:

(Aquele tempo comprou, fíci pa japones comprā terreno. Sete arquer, nē, io comprei. Mais é despois io planta algodão, falô tudo bom, falô planta algodão. Se planta algodão, não sabe, não é? Sô abri buraco plantā, amanhã cedo, um semana nasce, vai formiga vai tudo come.)

P: Depois o sr. veio para Campinas?

R: āi , hērnāŋ /dzia este /dzeito k̃eōfa/ze: , nō /da /dzeito nē.
 in/tō , nō /tē /dzeito de , ha/mirja sustēn/ta: into ab̃u/r̃iō botēkō
 /noē . ákerē /tēmpo s̃ama botēkō , bote/kīŋ . ákerē /tēmpo /mīŋ nō-
 be/sēntō , d̃za mīŋ nobe/sēntō tō/r̃intā , ab̃u/r̃iō botēkīŋ , nē .

(Aí Fernão Dia este jeito que eu fazē, não dá jeito, nē. Então não dá jeito de, família sustentā, então abriu boteco, não é. Aquele tempo chama boteco, botequim. Aquele tempo, mil novecento, já mil novecento trinta, abriu botequim, nē.)

Informante 9

.....
 ă/i /măiz_o mēnō /dōi_z /mī_o tōrē/zēntōs pēsōa tō nō būră/dzī_o ă/gōră.
 mā, pūrimerō /kwatrō /anō de ōburigă/sōn dō /pāră tră/bārjă komō
 /kō:perādō dō_^ kōpēră/tșibă dō kō/tșia. kōn/tră tō ke /tșīnă ă/ŷīn
 nē . de/pōis pasō: /kwatrō /ā:nō ă/i_^ i patrō ăzū/dānō_^ kapăŷi/dad_i
 d_i /ē:rē_^ βă_i kōmē/sāndō /kōntă dō /ēr_i mēmō nē. ı/tudō /mūdō kōmē/sō:
 ă/ŷīn mēmō.
 ă/i pasō: de /kwatrō /anō_^ /ărgumă zēnt_i nō /gōstă dō_^ pra la/bō:ră_^
 ūn/tōn modzīŷi/kō: ō:trō nēgōŷi/ānt_i /otră kōi_za βă_i trōkândō bās-
 /tānt_i

(Aí mais o meno dois mil trezentos pessoa tão no Brazil agora. Mai
 primero quatro ano de obrigação do fala, trabalha como cooperado do
 cooperativa do cotia. Contrato que tinha assim, nê. Depois passô
 quatro ano, aí, e patrão ajudano, capacidade de ele, vai começando

Informante 10

P: Com quantos anos o sr. veio para cá?

R. î/dadî, şegō: ă/ki: /βīntşî /sēis /trez mēs /nē .

(Idade, chegô aqui, vinte seis e tres mes, nê)

P: O sr. é formado em Escola Normal?

R: ... êo sî dî/rēto de profe/sō: de ăgû/rikōră ,
 mais gû/rupō es/kōră /fā:řtă dî profe/sō: intōn ă/dzu:-
 dă nē . İn/tō êo deo, ă/rū:nō pî/kēnō /tudo,es mā/tēria
 nē . de/pōis /ō:trō /krasē de mā/jō:ř ...dzinadzi/ăo
 ă/i deo /pă de ăgû/rikōră nē . Iō: fōr/mō: dî es/kō:ră
 ăgû/rikōră.

(... eu sô direito de professor de agrícola, mais, grupo
 escola falta de professor, então ajuda, nê. Então eu deu
 aaluno piqueno, tudo, esse matéria, nê. Depois, outro clas-
 se de maior ... ginasial, aí deu hora de agrícola, nê. Iô
 formô de escola agrícola)

Iō.kî/rîa fî/kā: /rā: mais mîna /māi, nō ker, de,şa nē,
 ũ /fî:řjo /de,şa nō şapōn. İn/tō êo fā, trata ă/şîŋ ,
 êo kwândo /şē:ga ă/ki /şînkō ā:nōeo /bō:řtă nō şapōŋ .
 İntō, kōn/bîna ăşîŋ nē, mais şē/gō: ă/ki, depōiz dî /trez
 zănō mā/māi mō/rēo ăki.

(Iô queria ficã lâ, mais minha mai, não quer deixa nê um
 filho, deixa no Japão. Então eu fai, trata assim: eu quan-
 do chega aqui, cinco ano eu volta no Japão. Então combina
 assim, nê. Mais chegô aqui, depois de treiz ano, mamai mor-
 reu aqui.)

APÊNDICE II - A FORMAÇÃO DO KANA

1. HIRAGANA

		K	S	T	N	H	M	Y	R	W	N
A	安	加	左	太	奈	波	末	也	良	和	无
	あ	か	さ	た	な	は	ま	や	ら	わ	ん
	あ	か	さ	た	な	は	ま	や	ら	わ	ん
I	以	幾	之	知	仁	比	美		利		
	い	き	し	ち	に	ひ	み		り		
	い	き	し	ち	に	ひ	み		り		
U	宇	久	寸	川	奴	不	武	由	留		
	う	く	す	つ	ぬ	ふ	ぶ	ゆ	る		
	う	く	す	つ	ぬ	ふ	ぶ	ゆ	る		
E	衣	計	世	天	祢	部	女		礼		
	え	け	せ	て	ね	へ	め		れ		
	え	け	せ	て	ね	へ	め		れ		
O	於	己	曾	止	乃	保	毛	与	呂	遠	
	お	こ	そ	と	の	ほ	も	よ	ろ	き	
	お	こ	そ	と	の	ほ	も	よ	ろ	き	

2. KATAKANA

		K	S	T	N	H	M	Y	R	W	N
A	阿	加	散	多	奈	ハ	末	也	良	和	尔
	ア	カ	サ	タ	ナ		コ	セ	ウ	ワ	ン
	ア	カ	サ	タ	ナ	ハ	マ	ヤ	ラ	ワ	ン
I	伊	幾	之	千	仁	比	三		利		
	イ		ニ		ニ	ヒ			リ		
	イ	キ	シ	チ	ニ	ヒ	ミ		リ		
U	宇	久	須	川	奴	不	牟	由	流		
	ウ	ク	ハ		又	フ	ム	コ	ル		
	ウ	ク	ス	ツ	ヌ	フ	ム	ユ	ル		
E	江	介	世	天	祢	部	女		礼		
	エ	ケ	セ	テ	ネ	フ	メ		シ		
	エ	ケ	セ	テ	ネ	ヘ	メ		レ		
O	於	己	曾	止	乃	保	毛	与	呂	乎	
	オ	コ	ソ	ト	ノ	ホ	モ	ヨ	ロ	ヲ	
	オ	コ	ソ	ト	ノ	ホ	モ	ヨ	ロ	ヲ	